

**DIVERSÃO NO PARAÍSO?
EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS NO BAIRRO DE SEPETIBA
(RIO DE JANEIRO, DÉCADAS DE 1940-1970)
- NA ENCRUZILHADA DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA¹ -**

Victor Andrade de Melo²

Resumo: Neste estudo/ensaio, tenho por objetivo discutir a experiência de agremiações esportivas organizadas em Sepetiba/Rio de Janeiro entre os anos 1940 e 1970, período em que foram criadas e mantiveram mais intenso funcionamento. O intuito é debater as peculiaridades da estruturação do bairro a partir da conformação de um importante divertimento. Na construção do texto, procuro coadunar uma pesquisa histórica desenvolvida a partir de parâmetros acadêmicos com esforços de memória/depoimentos acerca de minhas vivências pessoais na região investigada.

Palavras-chave: História do Rio de Janeiro; História do Esporte; Sepetiba.

**Fun in a paradise? Sporting experiences in the Sepetiba neighborhood
(Rio de Janeiro, 1940-1970s) - at the crossroads of memory and history**

Abstract: In this study/essay, I try to discuss the experience of sporting associations organized in Sepetiba/ Rio de Janeiro between the 1940s and 1970s, a period in which these societies were created and had greater performance. The aim is to debate the peculiarity of the neighborhood's structuration based on the conformation of an important entertainment. I try to combine a historical research developed from academic parameters with efforts of memory/testimonies about my personal experiences in the investigated region.

Keywords: History of Rio de Janeiro; History of Sport; Sepetiba.

**¿Diversión en un paraíso? Experiencias deportivas en el barrio de
Sepetiba (Rio de Janeiro, décadas de 1940-70): en la encrucijada de la
memoria y la historia**

Resumen: En este estudio/ensayo, el objetivo es discutir la experiencia de las asociaciones deportivas organizadas en Sepetiba/Rio de Janeiro entre los años 1940 y 1970, un período en que fueron creadas y mantuvieron una mayor actuación. El objetivo es debatir la peculiaridad de la estructuración del barrio desde la conformación de un entretenimiento importante. En la construcción del texto, trato de combinar una investigación histórica desarrollada a partir de parámetros académicos con esfuerzos de memoria/testimonios sobre mis experiencias personales en la región investigada.

Palavras-chave: História de Rio de Janeiro; História del Deporte; Sepetiba.

¹ Artigo dedicado à Sérvula e Vera. À Sepetiba. Ao povo suburbano. Ao Rio de Janeiro.

² Doutor em Educação Física pela UGF; Pós-Doutorado em História pela UFF; Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: victor.a.melo@uol.com.br.

Cheiros, imagens, gostos...lembranças³

Eu não escrevo para ninguém e nem para fazer música
 E nem para preencher o branco dessa página linda
 Eu me entendo escrevendo e vejo tudo sem vaidade
 Só tem eu e esse branco e ele me mostra o que eu não
 Sei
 E me faz ver o que não tem palavra
 Por mais que eu tente, são só palavras
 Por mais que eu me mate, são só palavras⁴.

A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto subsiste uma lembrança, é inútil fixá-la por escrito ou pura e simplesmente fixá-la. A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança. Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, (...) o único meio de preservar essas lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e os pensamentos morrem (HALBWACHS, 2006, p. 100).

Acho que sou capaz de sentir os cheiros daqueles dias de verão. As cores são confusas, como as fotos coloridas que vão descolorindo com o tempo. A dinâmica, lembro bem. Casa modesta, quase uma “meia água”, em algum momento dividida em duas para que uma delas fosse alugada. Adorava a varanda de piso vermelho. Gostava de, nela deitado, sentir a brisa fresca que insistia em escapar do mar para enfrentar o calor intenso.

³ Pelas observações, comentários e sugestões, agradeço imensamente a: Bruno Adriano Silva, Edmundo Alves Junior, Juliana Carneiro, Marcelo Bittencourt, Michelle Carreirão, Patrícia Dini, Sílvio Ricardo Silva, Vera Lúcia Melo, Vinicius Melo. Observei com muito cuidado e carinho suas considerações, ainda que não as tenha acatado na íntegra.

⁴ Palavras Não Falam. Composição de Kavita. Interpretação de Mariana Aydar. Disponível em: <<https://youtu.be/gATmjQbut7A>>.



Casa de Sepetiba. Aproximadamente 1978/1980.

Acervo: Victor Melo (Foto de família).

A casa de Sepetiba, olhando de dentro para fora. À direita, ficava a casa. Minha avó Sérvula em primeiro plano, à esquerda, abraçada comigo, meu irmão Vinícius e primos Marquinhos e Andréia. Minha mãe Vera e tias ao fundo, do lado direito.

O muro era de concreto armado. Baixo, como usual em tempos menos violentos. Portão de madeira. Duas cachorras: Ninfa e Xandinha. De um lado, a casa. Do outro, o alto muro de uma igreja evangélica que, dizia minha avó, durante anos, tentou comprar nossa propriedade. Ao final, conseguiu.

Quintal grande no fundo. Parecia enorme. Ali brinquei muito com meu irmão e primos. Tinha muitas árvores. Pé de maracujá, de abacate, de goiaba, de pitanga. Tia Nilda, esposa de tio Ilson, irmão de minha mãe, o casal que vivia na casa com suas filhas, Cláudia e Verônica, por vezes fazia “sacolê” com essas frutas. Apreciados manjares a atenuar o calor. Perto do tanque de concreto, havia uma horta pequena. Lembro do gosto da hortelã. E do cheiro das cachorras quando as lavávamos. Elas tentavam fugir. Era uma festa.

Era um terreno curioso, de esquina, avançava um pouco para dentro da rua. Diziam que se aventou uma desapropriação da casa. Sei lá porque não houve. Havia um receio de que ocorresse. Mas não ocorreu. Do outro lado da rua, um casarão colonial que fora, no passado, um armazém (na verdade, era uma loja de ferragens do pai de tio Belford, casado com minha tia Teresa, irmã de minha mãe). Não lembro de o ver aberto. Mas parece ter sido bem ativo.



Casa de Sepetiba. Aproximadamente 1978/1980.

Acervo: Victor Melo (Foto de família).

Família reunida no grande quintal dos fundos.

Minha avó, em pé à direita. Meus pais, Vera e João, em pé bem ao centro.

Não sei desde quando a casa se tornou propriedade da minha família. Certamente, há décadas. Muitas décadas. Mais de um século conosco. Dizem que meus antepassados, por parte de avô, vieram de Portugal e se instalaram na Ilha da Madeira, cidade de Itaguaí. Não era mau de grana, mas brigou com a família e veio para Sepetiba para trabalhar como pescador, onde conheceu minha avó. Ela nasceu em 1900. Ele um pouco antes. Casaram em 1925/1926 e foram morar no terreno.

Passaram uns breves períodos nas palafitas da Praia de Maria Angu quando por lá a pesca estava melhor. Mas todos os filhos, cinco mulheres e dois homens, nasceram em Sepetiba, inclusive minha mãe, em 1945. Todos com parteira, nada de hospital.

A casa, a princípio, era de estuque, somente substituída por uma de alvenaria graças a tio Belford, quando se casou com tia Teresa. Na foto a seguir, se pode a ver bem, à esquerda da igreja. Trata-se de um flagrante de uma parada cívica de uma das mais importantes escolas do bairro em décadas recentes, o Instituto Sepetiba. Minhas primas Cláudia e Verônica estudaram por lá, a primeira também foi professora do estabelecimento durante anos. Ela aparece ainda criança na foto de família anterior, entre minha mãe e minha avó.



Desfile Cívico do Instituto Sepetiba.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/InstitutoSepetibainmemoria/>>⁵.

Cláudia e Verônica ainda vivem em Sepetiba, assim como tio Ilson. Ele acabou de fazer 80 anos. Deve ser um dos mais antigos moradores do bairro. É afilhado de crisma (ou consagração) de Bide, amigo da família, colega de igreja de minha madrinha querida, tia Euzenir, outra irmã de minha mãe.

Bide vem a ser Alcebiades Rosa, um dos memorialistas mais importantes de Sepetiba. Liderança local, educador reconhecido, merecidamente foi homenageado com o nome de uma escola. Em seu livro, grassam nomes conhecidos de minha família e mesmo de familiares mais distantes. Por exemplo, o proprietário do primeiro restaurante do bairro, Cecílio Faleiro dos Santos, era tio de minha avó, tio avô de minha mãe.

Além disso, meus familiares viveram várias coisas e frequentaram vários lugares citados. Minha mãe foi uma das crianças da Pia União das Filhas de Maria e adolescentes da Cruzada Eucarística. Ouviu muitas histórias de seu Lúcio (aliás, o citou várias vezes enquanto eu escrevia esse texto, um sinal de que a experiência ocupa um espaço especial em suas memórias infantis).

Em determinado momento de seu livro, Bide cita um pescador de nome José Vieira. Talvez seja meu avô. Se não, poderia ser. Ele morreu em 1946. Vovó bem depois, com 103 anos. Quando ele se foi, a família já não tinha muita coisa; a vida foi de batalha. Na verdade, tinha algo: a casa. Aquela que conheci, mas já não existe mais.

⁵ Segundo a apresentação, a página Instituto Sepetiba in memória “foi elaborada para os ex-alunos, professores e funcionários do IS poderem se reencontrar, trocar fotos, ideias e tudo mais”. Uma bela iniciativa de preservação da memória.



Foto da Colônia de Pescadores de Sepetiba.
A Voz do Mar, mai. 1945, p. 8.

A modesta casa foi destruída e o terreno ocupado por um grande prédio da igreja vizinha. O armazém colonial virou o restaurante Dom Burguês (que articula em seu nome a nobreza e a burguesia). Curiosa articulação que ataca meu passado romantizado, afinal, Weber, não é mesmo a ética protestante uma das bases fundamentais do capitalismo?



Esquina de Rua da Floresta com Rua Pedro Leitão.
Google Maps.

A estrela vermelha marca o lugar onde existia a casa de minha família.
A estrela azul, o antigo armazém.

Nada sobrou, a não ser a memória. Um dia recupero melhor tudo isso já que este artigo/ensaio não é *stricto sensu* sobre a trajetória de minha família. É sobre a história de Sepetiba. E sobre minhas lembranças.

Todo texto precisa de uma introdução (será?)?

Esta é uma praia brasileira, na acepção máxima do termo. Aqui só palpita o coração brasileiro. Se todos estes patrícios quisessem compreender o que verdadeiramente são, fazendo valer perante os políticos que os exploram o seu indiscutível valor, a obra de nacionalização da pesca e agremiação dos pescadores seria das que, nascendo de um sonho, em breve montariam um monumento indestrutível⁶.

Durante décadas, Sepetiba fez parte da Fazenda de Santa Cruz, sendo um dos principais portos de acesso à propriedade. Tratava-se de uma região muito importante do ponto de vista estratégico não só no que tange à economia, como também no tocante à defesa (FRIDMAN, FERREIRA, 1997; FRIDMAN, 1999). Deve-se lembrar que, em 1710, o corsário francês Jean-François Duclerc invadiu a cidade desembarcando em Guaratiba. Além disso, a área era usada para atividades ilícitas como tráfico de escravos e mercadorias⁷.

Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, depois de um período de decadência, na virada para o século XIX, houve um fluxo de desenvolvimento quando as terras foram ocupadas por foreiros⁸. Seguiu sendo um importante ponto de chegada naquela região afastada do centro do Rio de Janeiro (VIANA, 1974), bem como porto utilizado para o escoamento de produtos agrícolas, especialmente do café (FRIDMAN, FERREIRA, 1997).

Novo ciclo de desenvolvimento se deu ainda no período colonial quando, por intervenção de D. João, que conhecia a região por frequentar suas terras de Santa Cruz, aperfeiçoou-se o porto e foram construídos fortes (ROSA, 1995). Em 1813, por carta régia, por meio de aforamentos, se estabeleceu um núcleo populacional mais estável (FRIDMAN, 1999; ARQUIVO NACIONAL, 2017).

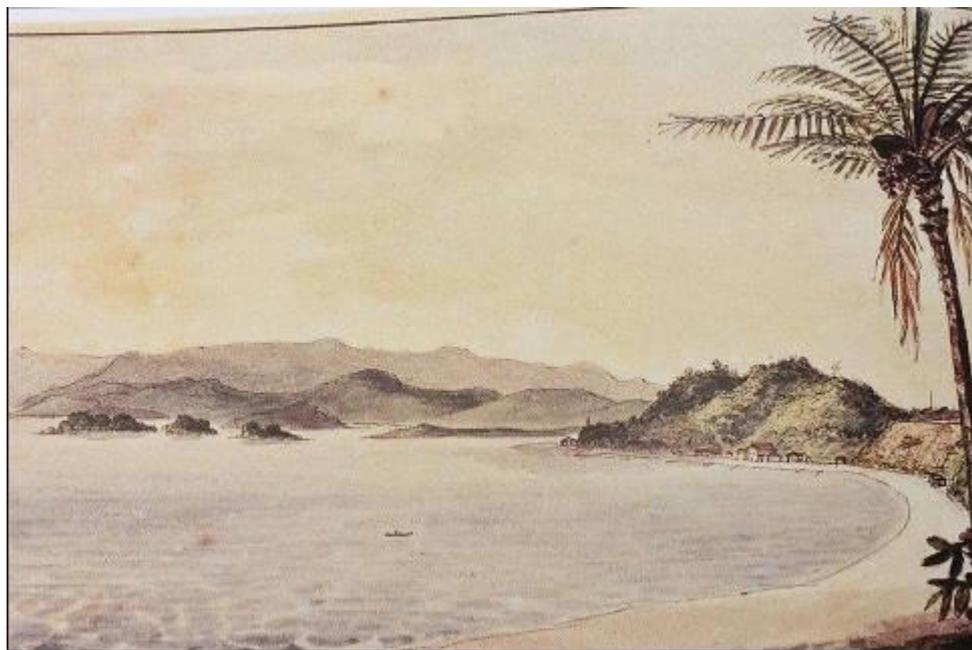
Segundo Rosa (1995), no decorrer do século XIX, a família imperial e as elites monárquicas frequentaram amiúde a região, estimulando, inclusive, um primeiro desenvolvimento de uma estrutura de entretenimentos, com a promoção de touradas, bailes, saraus, semelhantes aos existentes na zona central da cidade. De fato, por motivos diversos, muitos foram os viajantes e

⁶ Fala do padre José Gomes Rodrigues proferida aos pescadores por ocasião de uma festa de São Pedro (A Voz do Mar, 29 jul. 1923, p. 42).

⁷ Vale consultar o “Ofício do Conde de Resende datado do Rio de Janeiro a 10 de Junho de 1793 e dirigido ao ajudante Miguel José Barradas, incumbindo-o de fazer um plano para a defesa da cidade no caso de desembarque do inimigo na praia da Sepetiba” (Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1881-1882, volume IX). Para mais documentos sobre a região, ver Arquivo Nacional (2017).

⁸ Há registros de ocupação das terras da região desde o século XVI, núcleos populacionais de tamoios (ROSA, 1995).

personagens importantes que estiveram e deixaram registradas impressões sobre aquela faixa do litoral (WILD, 2018, LAMEGO, 2019).



Praia de Sepetiba, 1827.
Debret.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/AntigoSepetiba>>⁹.

A instalação de uma linha regular de transporte por terra se deu em 1884¹⁰. Ainda que não muito eficiente, facilitou o acesso às belas praias para fins de entretenimento¹¹. Além disso, contribuiu para tal intuito o estabelecimento de uma linha regular de navegação (WILD, 2018)¹².

Sepetiba chegou a integrar os primeiros guias turísticos da cidade, apresentado como praia bucólica, ainda que distante e de difícil alcance. Nessa época, tendo cerca de 700 habitantes, começava a circular a ideia de que seria um “ponto de preferência escolhido para *picnics*, pela beleza de seus arredores e sua posição à beira-mar”¹³. O cronista mostrou-se efetivamente entusiasmado com as potencialidades da região: “Em lugar do clássico Jardim Botânico e da Tijuca, tens, *touristes*, um novo éden aberto as

⁹ Antigo Sepetiba trata-se de outra notável iniciativa de recuperação e difusão da memória do bairro: “Esta página está sendo criada para todos os moradores, ex-moradores e pessoas que simplesmente amam Sepetiba e tem guardado memórias de nosso bairro. Também podemos tratar de assuntos atuais de interesse da localidade”.

¹⁰ Uma nota sobre a instituição do serviço, previsto para ir da estação férrea de Santa Cruz até o porto de Sepetiba, a essa altura situado na área do antigo cais imperial, na Ilha dos Marinheiros, pode ser vista em A Folha Nova, 23 jul. 1883, p. 2.

¹¹ O bairro possui três praias: Sepetiba, Recôncavo/Dona Luiza, Cardo.

¹² Uma nota sobre as deficiências desse serviço pode ser vista em Cidade do Rio de Janeiro, 26 out. 1887, p. 1.

¹³ SEPETIBA. Diário de Notícias, 16 jun. 1885, p. 2.

vossas diversões”. Na ocasião, pelos jornais, além do litoral, as festas de São Pedro eram constantemente anunciadas, já atraindo bom público¹⁴.

**PARATY, ANGRA DOS REIS, MANGARATIBA
ITACURUSSA**

Serviço provisório da Empresa Ferro Carril e Navegação Santa Cruz

Esta empresa, enquanto espera da Europa os vapores encomendados, resolveu, por comodidade do publico, organizar um serviço provisório, que, quando menos ofereça aos Srs. passageiros communição frequente e segura, a preços reduzidos, entre a cidade e os diferentes portos do litoral sul da provincia.

Haverá dez viagens redondas mensalmente.

Os vapores partirão de Sepetiba às 9 horas da manhã, nos dias 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25 e 28; e de Paraty, às 4 horas da manhã, nos dias 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27 e 30.

Os preços das viagens são regulados, provisoriamente, pela seguinte tabella:

| | |
|--------------------------------------|--------|
| De Sepetiba a Itacurusá | 24000 |
| De " a Mangaratiba | 54000 |
| De " a Angra dos Reis | 84000 |
| De " a Paraty | 144000 |
| De Paraty a Angra dos Reis | 63000 |
| De " a Mangaratiba | 36000 |
| De " a Itacurusá | 12000 |
| De " a Sepetiba | 144000 |

Anúncio das linhas de navegação que atendiam Sepetiba.
Diário de Notícias, 14 jun. 1885, p. 2.

Mesmo com as novas opções de transporte, seguiram as dificuldades para se alcançar o bairro. Em 1902, um cronista, ao comentar as deficiências de deslocamento no subúrbio, enumerou os principais problemas, entre os quais a escassez de “meio de condução para os pontos distante da Estrada de Ferro, (...) o (bonde) de Sepetiba descarrilha de 5 em 5 minutos (...)”¹⁵. A propósito, em mais de uma ocasião, desde o século XIX, se aventou prolongar a linha ferroviária até o litoral, partindo de Santa Cruz e mesmo de Madureira¹⁶. Houve até uma proposta de construção de Metrô na qual foi lembrado o bairro para acolher uma estação¹⁷.

¹⁴ Na década final do século XIX, notícias de Sepetiba também chegaram aos jornais por ter sido palco de alguns acontecimentos da Revolta da Armada, fatos que deixaram marcas na memória do bairro. O assunto foi abordado por Rosa (1995) e Wild (2018).

¹⁵ A VIDA nos subúrbios. Progresso Suburbano, 2 mar. 1902, p. 1.

¹⁶ Francisco Canella chegou a assinar um contrato para tal, não executado e revogado em maio de 1901 (Coleção de Leis Municipais e vetos do 1º semestre de 1901, organizada por Alvarenga Fonseca, volume IX, Rio de Janeiro, 1901).

¹⁷ A CRIAÇÃO do “Metro”. Crítica, 7 jan. 1930, p. 2.



Bonde de Sepetiba, 1910.
 Augusto Malta.
 Acervo: Museu Histórico Nacional.
 Disponível em:

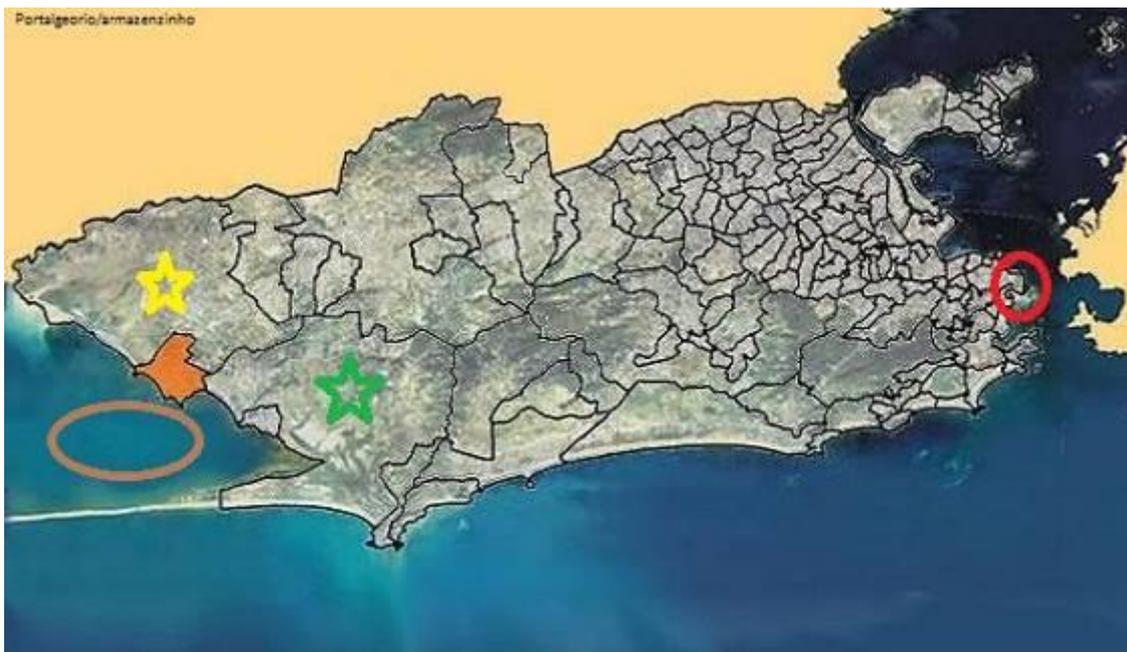
<<https://www.facebook.com/ecomuseudesepetiba/photos/a.1626907657527466/1770061629878734/?type=1&theater>>¹⁸.

Os debates sobre o transporte deficiente consagravam antigas preocupações ligadas ao desenvolvimento econômico, inclusive no que tange ao escoamento do pescado, e à defesa da cidade¹⁹. Até mesmo pela dificuldade de acesso, durante décadas, Sepetiba manteve o aspecto de comunidade de pescadores, algo que, em certa medida, se mantém até hoje em algumas partes do bairro. Configurou-se uma representação para a área, forjou-se uma identidade que marcou sua história.

Isolamento e distância conformaram os limites e potencialidades de desenvolvimento do bairro. No mapa a seguir, pode-se ver sua situação geográfica destacada em laranja. Perceba-se que só há duas formas de alcançá-lo, por Santa Cruz (estrela amarela) e Guaratiba (estrela verde). O círculo marrom marca a Baía de Sepetiba. Diametralmente oposta, vemos identificada com o círculo vermelho a região central da cidade, na entrada da Baía de Guanabara.

¹⁸ O Ecomuseu de Sepetiba é uma magnífica iniciativa de promoção de desenvolvimento local. Segundo a apresentação, “teve seu início no ano de 2009, sua fundadora, Bianca Wild, foi precursora no processo de reconhecimento e mobilização, divulgando a história do bairro e suas pesquisas desde o ano de 2006”. Ver também: <<https://ecomuseusepetiba.webnode.com.br/>>. Além de sua atuação social, Wild escreveu muitos artigos sobre Sepetiba e uma dissertação de mestrado sobre o Ecomuseu.

¹⁹ Ver, por exemplo, nos Anais da Câmara dos Deputados, ata de sessão de 29 de setembro de 1908 (p. 596-598), mais um dos muitos projetos que tentaram fazer o trem chegar ao bairro, nesse caso partindo de Santa Cruz, tendo em vista facilitar o transporte de tropas.



Mapa de bairros/Rio de Janeiro.

Instituto Pereira Passos/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/9261-sepetiba-do-passado-r%C3%A9gio-aos-problemas-ambientais>>.

Pesca e turismo foram as principais atividades econômicas do bairro, centro de sua dinâmica social. Durante algum tempo, houve plantações de cana e café que atendiam ao mercado do Rio de Janeiro, bem como algumas poucas fábricas de menor porte (de cal e uma olaria). Além disso, sempre se manteve um pequeno comércio que atendia as necessidades locais (ROSA, 1995). Nada que indicasse uma grande potencialidade de negócios.

Mesmo com esses limites apontados, houve outros fluxos de desenvolvimento, como bem menciona Wild (2018, p. 40):

Ainda que Sepetiba tenha passado por um momento de estagnação, após a Segunda Guerra Mundial o bairro voltou a se desenvolver, mas através de uma economia voltada para pesca, turismo e todo o complexo de atividades econômicas relacionadas com o meio ambiente e a balneabilidade.

Na verdade, desde os anos 1910, percebe-se um pouco mais de atenção governamental a Sepetiba, motivada, a princípio, pelas velhas preocupações com a defesa da cidade. Vagarosamente, algumas obras começaram a ser feitas no bairro, bem como se tornou mais usual a presença de políticos.



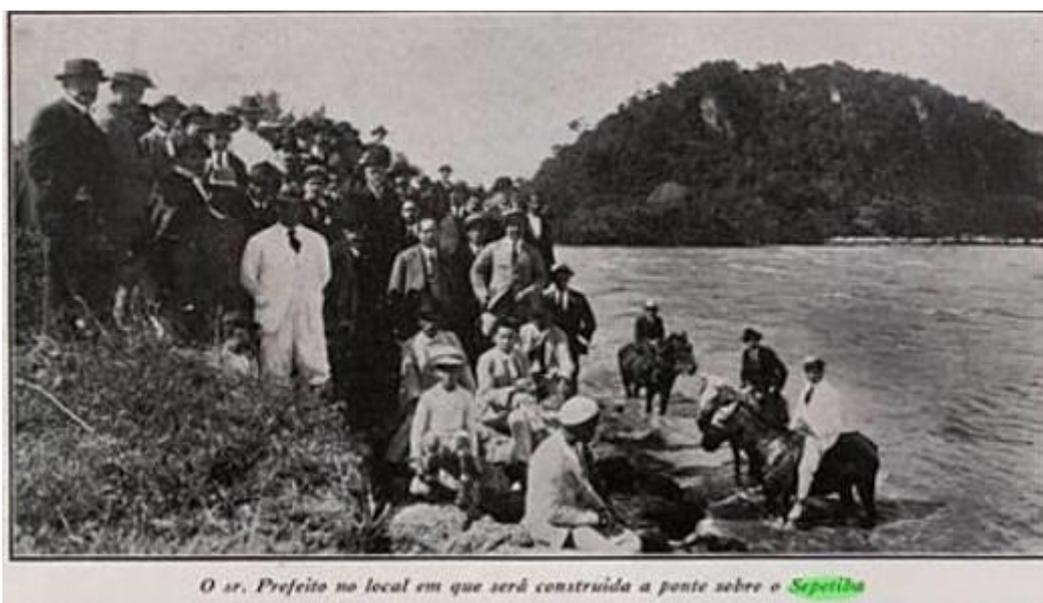
Sepetiba, anos 1910.

Augusto Malta.

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/AntigoSepetiba/photos/a.143108832536479/985233004990720/?type=3&theater>>.

Há que se considerar que, a partir daquela década, os subúrbios mais claramente se delinearam como região influente do ponto de vista político, processo sustentado por uma elite local formada por intelectuais, bem como comerciantes e industriais de maior porte. Nesse cenário, emergiram importantes lideranças que se tornaram interlocutoras com os poderes públicos.



O sr. Prefeito no local em que será construída a ponte sobre o Sepetiba

Paulo de Frontin, à época prefeito do Rio de Janeiro, em visita a Sepetiba.
Caretta, 12 abr. 1919, p. 10.

Bons exemplos são dois médicos de formação oriundos de Campo Grande e Santa Cruz: Augusto de Vasconcelos e Cesário de Melo, o primeiro deputado federal e senador entre os anos de 1897 e 1915, o segundo o mesmo entre 1924 e 1937. Cesário promoveu várias visitas de políticos ao subúrbio, organizando, inclusive, notórias “peixadas cívicas” em Sepetiba²⁰, ocasiões nas quais se apresentavam as belezas do bairro em meio à comunicação das reivindicações locais.



O presidente Washington Luís com políticos em almoço em Sepetiba.
O Malho, 24 ago. 1929, p. 30.

O bairro passou a ser utilizado para a realização de manobras militares, inclusive até então inéditos exercícios conjuntos entre o Exército e a Marinha²¹. Tratava-se de um momento de modernização das Forças Armadas brasileiras, motivada pelo avanço bélico no continente europeu e no mundo. Em 1944, seria inaugurada a Base Aérea de Santa Cruz, uma das principais do Brasil.

²⁰ Sobre essa presença de políticos na Zona Oeste, ver Santos (2018). Quando aborda o tema das “peixadas cívicas”, o autor dialoga com os estudos de Sinvaldo do Nascimento Souza, professor e historiador que tem ativa atuação como pesquisador do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica (NOPH), mais uma das entidades que inestimáveis serviços têm prestado à recuperação da memória da região. Para mais informações: <<https://www.facebook.com/NOPHRJ>>.

²¹ Para belas imagens sobre tais exercícios, ver: Careta, 2 nov. 1929, p. 12-13; Revista da Semana, 2 nov. 1929, p. 22-25.



Tropas acampadas na Praia de Sepetiba. Ao fundo, a igreja de São Pedro.
Revista da Semana, 2 nov. 1929, p. 24.

No que tange ao entretenimento, percebe-se maior movimentação no bairro, pelo menos assim sugerem alguns indícios citados por Rosa (1995). Os “breus”, modestos bares, animavam um pouco a pacata vida social. A Colônia de Pescadores também era usada para fins de diversão. Na casa de alguns moradores, havia cirandas. Bailes de jazz começaram a ser promovidos.



Legenda da imagem: “os pescadores, poupando as forças, de retorno ao povoado, puxam as canoas a corda”.
Revista da Semana, 30 set. 1929, p. 14.

Para além disso, passou a circular mais intensamente uma boa imagem do bairro, uma representação paradisíaca. Numa matéria em que foram tecidos hiperbólicos elogios, assim se afirmou: “Na lindíssima Praia de Sepetiba, que é uma das mais surpreendentes maravilhas de Netuno, existe uma organização humilde, sim, mas grandiosa pelas suas finalidades e trabalhos”²². Fazia-se referência aos pescadores que, embora nunca suficientemente apoiados para o bom exercício de sua profissão, eram retratados com tons épicos, como uma expressão das belezas do local, guardiões daquela natureza exuberante²³.



Foto intitulada Paraíso Sepetiba.
Raul Santos Carvalho.
Revista da Semana, 2 dez. 1939, p. 1.

Nos anos 1930, os cinemas exibiram breves documentários sobre a região, tais como “Praias de Sepetiba” (da Brasil-Vita, 1935), “Pescadores de Sepetiba” (Brasil Vox, 1935), “Baixada de Sepetiba” (quatro curtas, Vida Doméstica, 1937), “Sepetiba” (Sonofilms, 1939)²⁴. O Automóvel Clube inseriu

²² SEPETIBA: um voto de louvor à natureza! Uma peixada em frente ao mar. Beira-Mar, 26 mar. 1932, p. 1.

²³ Ver, por exemplo: OS PESCADORES de Sepetiba. Revista da Semana, 30 set. 1929, p. 14. Essa matéria tem lindas imagens do bairro.

²⁴ Fonte: Base de dados da Cinemateca Brasileira (<http://bases.cinemateca.gov.br/>).

o bairro em suas celebradas excursões automobilísticas²⁵. Antes, isso já fora feito pelo Moto Clube²⁶. Cada vez mais, divulgava-se de forma positiva o balneário.

De outro lado, notadamente a partir da década de 1940, Sepetiba não passou incólume pela desenfreada expansão urbana que se deu em algumas áreas dos subúrbios, especialmente aquelas mais rurais, processo marcado por violentos conflitos na ocupação de terras. No caso do bairro, foram notáveis os problemas na área da antiga Fazenda Piaí (SANTOS, 2011; MELLO, 2015)²⁷.

O desenvolvimento do bairro, que teve como uma das marcas a chegada da luz elétrica (1949)²⁸, também impactou a conformação de entretenimentos públicos, como chamou atenção Wild (2018, p. 42):

No início da década de 1950, foram inaugurados dois cinemas, o Cine Yara e o Cine Sepetiba²⁹. O Clube Sepetiba Futebol e Regatas, inicialmente sediado na colônia de pescadores Z-15, deu início às suas atividades no ano de 1946 e ganhou sua sede à rua dos Pescadores em 1953.

A autora não citou o Sepetiba Iate Clube, agremiação que não passou despercebida ao olhar de Alcebiades Rosa (1995, p. 58):

Com o progresso e o desenvolvimento sempre crescentes da região, surgiu em Sepetiba uma nova agremiação: o Sepetiba Iate Clube, fundado em 16 de março de 1947. Sua sede foi construída na Rua Iate, n. 41, próximo à praia.

Esse autor sugere também que foi entre pescadores ligados à Colônia que o futebol começou a ser praticado, motivando a criação da pioneira

²⁵ 1ª EXCURSÃO promovida pelo Departamento Automobilístico do A. B. C. Automóvel-Clube, 15 fev. 1936, p. 12. Eventos semelhantes houve outras vezes. Ver, por exemplo: A Noite, suplemento, 23 jul. 1940, p. 37.

²⁶ DE MOTOCICLISMO. Crítica, 18 set. 1930, p. 7.

²⁷ Os problemas com os grileiros foram muito violentos e chegaram, em várias ocasiões, às folhas dos jornais. Ver, por exemplo, ENCONTRO com a morte em Sepetiba. A Noite: suplemento, 1 set. 1953, p. 6-7; SEPETIBA – terra de ninguém. O Cruzeiro, 5 set. 1953, p. 15.

²⁸ Para marcar a chegada da luz elétrica a Sepetiba, foi reformado e reinaugurado com grande festa o coreto que datava de 1903 (ROSA, 1995). A cerimônia contou com a presença do prefeito Ângelo Mendes de Moraes. Essa área do bairro, nos anos 1970, ficou conhecida pelas filmagens da novela/série O Bem-Amado.

²⁹ O Cine Yara se localizava na Praia de Sepetiba, n. 496 e o Cine Sepetiba na Rua Pedro Leitão, n. 70. Ambos se mantiveram abertos entre 1949 e 1959 (SOUSA, 2014). Segundo o blog Cine Mafalda (<http://cinemafalda.blogspot.com>), o primeiro era de propriedade de Luiz A. Tocatelli, tinha 200 lugares, usava um aparelho de 16 mm, funcionava seis dias por semana, tendo uma média anual de 2.281 sessões e 347.412 espectadores. Já o segundo, era de propriedade de Antonio J. Zaib, também com 200 lugares e aparelho de 16 mm, funcionando quatro dias por semana, com média anual de 80 sessões e 3.235 espectadores. Zaib, um dos fundadores do Sepetiba Iate Clube, é membro de uma família reconhecida na Zona Oeste por sua atuação no setor educacional, donos do Colégio Dom Oton Mota, do Colégio Realengo e da Faculdade São José (<http://www.folhadaterranet.com.br/index.php/2019/09/26/vocacao-educador/>). Sobre Tocatelli, abordaremos mais adiante.

agremiação esportiva do bairro, a Flor do Lodo, com campo na Travessa da Floresta, núcleo que deu origem ao Sepetiba Futebol Clube, estabelecido primeiro na esquina de Rua da Floresta com Presidente Nobre, posteriormente na Praça Washington Luís. Quando se tornou, em 1953, o Sepetiba Futebol e Regatas, se instalou na Rua dos Pescadores.



À esquerda, visão atual da sede do Sepetiba Futebol e Regatas (ocupada por uma igreja). À direita, a sede ainda com referências ao clube (foto disponível em: <<https://www.facebook.com/AntigoSepetiba/photos/a.143108832536479/170373046476724/?type=3&theater>>).

Esses foram importantes clubes, mas outros houve. Este estudo/ensaio tem por objetivo discutir a experiência das agremiações esportivas organizadas em Sepetiba entre as décadas de 1940 a 1970, período em que foram criadas e mantiveram mais intenso funcionamento. O intuito é debater as peculiaridades de estruturação do bairro a partir de um dos seus aspectos cotidianos: a conformação de um importante divertimento.

Há um paraíso em algum lugar do mundo

Não era mesmo fácil chegar em Sepetiba. Havia um ônibus que saía de Santa Cruz, mas minha família utilizava mais o que partia da rodoviária de Campo Grande e a linha 870, com ponto final próximo à estação de trem de Bangu. Escrevendo este artigo/ensaio, descobri que foi a primeira linha da Auto Viação Jabour.

A empresa deve ter ganho muito dinheiro com essa linha. Lembro que vivia cheia, especialmente nos fins de semana, quando muita gente ia passar o dia e curtir a praia. No verão, carnaval e réveillon, o bairro ficava lotado! A imagem seguinte dá uma pequena noção de um dia de sol na Sepetiba nos anos 1970.



Praia de Sepetiba, anos 1970.

Acervo: Arquivo Nacional.

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/AntigoSepetiba/photos/a.143108832536479/147331538780875/?type=3&theater>>.

Na verdade, não muitas vezes peguei esse ônibus. Morava em Senador Camará, no Bairro Jabour. Quando íamos à praia, era numa Barra da Tijuca ainda bem deserta, com ônibus que saía de Campo Grande ou da Sulacap. Ou íamos para o Recreio, Grumari e Costa Verde, sempre na Toyota dirigida por tio Belford. Ele recolhia toda a família espalhada pela Zona Oeste, todo mundo na caçamba aberta. Em Sepetiba, íamos “passar dias”, normalmente nas férias, natal, réveillon, carnaval.



Casa de Sepetiba. Aproximadamente 1978/1980.

Acervo: Victor Melo (Foto de família).

Nos fundos da casa, eu (de sunga vermelha), meu irmão (de sunga preta) e as primas Márcia e Alesandra. Em primeiro plano, um dos fuscas do tio Ilson.

Nessas ocasiões, quem nos buscava era tio Ilson. Funcionário público de meio expediente, trabalhava na célebre escola Nair da Fonseca (onde, a propósito, estudaram minha mãe e tios), e despachante de uma empresa de ônibus (Pegasus), tinha sempre um admirado fusquinha (lembro de um laranja³⁰), por ele cuidado como uma preciosidade (“para a maresia não corroer”). Trabalhava muito, mas sempre dava um jeito de nos pegar. Como cabia coisa no fusca! Eram dias esperados aqueles.



Escola Nair da Fonseca, Sepetiba, 1917.

Augusto Malta

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/Guarantiga/photos/a.490233921007939/1851419871555997/?type=3&theater>>³¹.

Não podíamos ir sozinhos à praia – eu, meu irmão e meus primos. Tínhamos que aguardar algum adulto que nos levasse. Meu primo Marcos (detentor de uma incrível coleção de gibis e LPs!), quando estava por lá, era uma das vítimas. Também a tia Lourdes, cria de Sepetiba, casada com tio Zeca, irmão de minha mãe. Na foto de família anterior, se pode ver as filhas deles, minhas primas Marcia e Alesandra.

Tínhamos ainda que torcer para ter bom tempo. Desenhávamos um sol no chão para atrair o tão aguardado astro-rei. Havia uma terceira variável: o horário da maré. Sem água, podíamos brincar na areia, jogar futebol, soltar pipa. E era bacana acompanhar a pesca.

³⁰ Falei com tio Ilson por telefone. Ele citou que teve antes um fusca azul, do qual não me lembro. E fez questão de me corrigir: não era um fusca laranja, mas sim ocre.

³¹ Guarantiga trata-se de mais uma incrível iniciativa de recuperação da memória de um bairro e do subúrbio em geral. Segundo a página, “Nosso objetivo é contar a história de Guaratiba e do Rio de Janeiro. Mostrar a cultura guaratibana para todos!”.



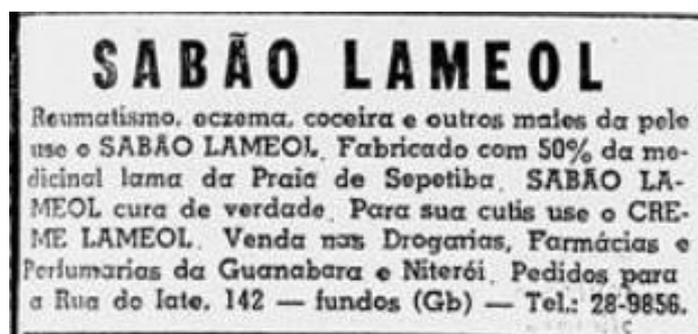
Pesca artesanal, Praia do Cardo, Sepetiba, 1960.

Acervo: Sinvaldo Souza.

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/AntigoSepetiba/photos/a.143108832536479/360046707509356/?type=3&theater>>.

Era também divertido ver as pessoas besuntadas de “lama medicinal”. Independentemente de os resultados serem cientificamente comprovados ou não, isso se constituiu numa tradição do bairro, propagada em várias ocasiões ³².



Propaganda de sabão com supostos benefícios medicinais fabricado com a lama de Sepetiba.

Diário de Notícias, 31 de maio de 1964, p. 51.

³² Ver, por exemplo, uma matéria mais recente, com muitas fotos, na qual se comenta o “poder” da lama de Sepetiba: “Com a maré cheia, uma ótima praia. Com a vazante, surge o lodo medicinal” (GOMES, José Edson. Sepetiba: uma praia onde o lodo cura as pessoas. Última Hora, UH Revista, 2 mar. 1983, p. 1). Há que se ter em conta que, à essa época, “a lama estava completamente poluída com o esgoto proveniente das casas que se instalaram ao longo da orla” (MELLO, 2015, p. 101).

Ir à praia era sempre bom, mas gostávamos mesmo da água. Ainda mais quando o mar estava um pouco brabo. Não muito. Quando tinha “cabeça d’água”, como alguns chamavam a ressaca, não podíamos entrar, no máximo apreciar do calçadão as ondas estourando no concreto.

Gostávamos de pegar camarão com as mãos. Os cardumes passavam, nos arranhavam e retirávamos os bichos da água com um tapa. Provavelmente, alguns leitores não vão acreditar nisso. Muitos amigos nunca acreditaram. Mas perguntem a alguém que frequentou ou morou na Sepetiba de antigamente. Tinha muito peixe. E caranguejo. Frutos do mar em geral. Nos tempos duros de minha família, antes de mim, esse foi o alimento que salvou a turma em diversas ocasiões.

Nossa casa era simples. Nos dias de festa, vivia amontoadas de gente. Disputávamos um pouco de vento dos parques ventiladores. Fazia calor. E tinha bastante mosquito. Mas Sepetiba nos parecia o paraíso na terra. Se cerro os olhos, sinto o cheiro e vejo as imagens (desfocadas como as fotos coloridas). Lembro da dinâmica. E quando leio sobre Sepetiba ter sido um valorizado lugar de veraneio, me reporto a esse tempo.

Tudo era sempre cheio de histórias. Cada tema investigado academicamente, me reporta aos contos de minha família, bem como a minhas experiências próprias. O pesquisador e a criança parecem se misturar num frenesi de sensações difícil de deslindar e conter.

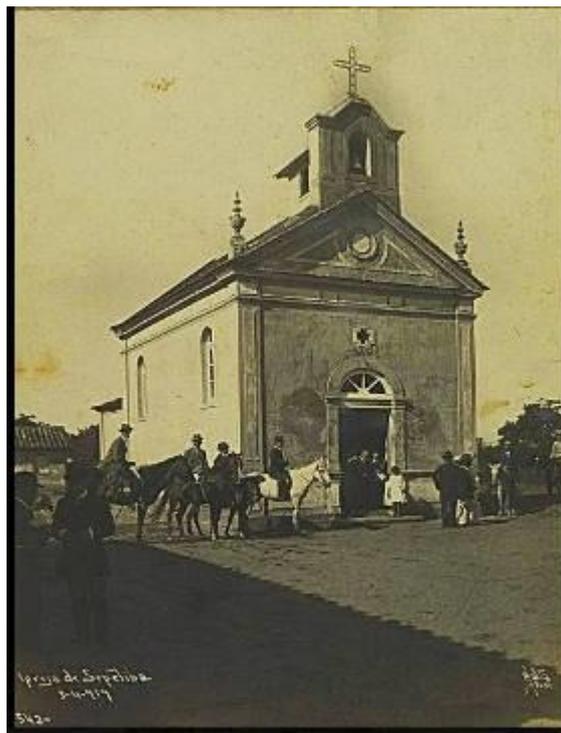
A invasão do esporte nas terras distantes: profetas do paraíso? Ou do caos?

Sepetiba pertencia ao Distrito de Santa Cruz. Segundo dados de 1956, entre os 16 da cidade, era o terceiro em tamanho (perdendo para Jacarepaguá e Campo Grande). No que tange à população, era um dos que possuía menor densidade demográfica. Em 1950, tinha cerca de 31.000 habitantes, pouco mais de 10.000 do que em 1940 (RIO DE JANEIRO, 1956). A minoria morava no bairro litorâneo³³.

Esse dado é importante para que se tenha em conta a dificuldade de conformar um mercado de entretenimentos no bairro: pouco público consumidor e baixa estratificação social, ao que se adicionavam as já citadas atividades econômicas reduzidas e distância. A estruturação da prática de esportes também enfrentava tais limitações.

Em Sepetiba, poucos são os indícios de iniciativas esportivas antes dos anos 1940. Uma dessas ocasiões ocorriam nas famosas festas de São Pedro, promovidas em homenagem ao padroeiro dos pescadores, eventos que se tornaram uma marca do bairro.

³³ No Rio de Janeiro, a definição oficial de bairros é recente, durante décadas sendo assim denominadas áreas populacionais conformadas ao redor de algum acontecimento (estações de trem, negócios, fatos históricos). A primeira legislação encontrada que define categoricamente os seus limites é o Decreto nº 3158 de 23 de julho de 1981 (Estabelece a denominação, a codificação e a delimitação dos bairros da Cidade do Rio de Janeiro). Antes, a divisão citadina se deu por paróquias/freguesias, a seguir distritos e regiões administrativas (essas ainda existem).



Igreja de São Pedro, 1919.

Augusto Malta.

Atenção para o diferente perfil da Igreja se comparado à imagem anterior³⁴.

Acervo: Biblioteca Nacional.

Disponível em:

<<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliiana/handle/20.500.12156.1/3147>>.

Segundo Rosa (1995), movimentavam muita gente da comunidade na preparação. Na semana de festejo, depois das cerimônias religiosas, havia um dia com intensa programação, atraindo gente de vários bairros e mesmo das cidades vizinhas. Entre as atividades:

Às 14 horas, dava-se inícios à regata. Mas, mesmo no espaço reservado ao almoço, a animação não diminuía, fogos espocando a todo instante, o povo empolgado com os preparativos para a regata e natação. Os seguintes pescadores participavam da regata: Ozinho, Beja, Verão, Totonho, Celeste e outros. O vencedor, juntamente com os demais eram conduzidos pela banda musical até diante da Capela, onde recebiam os prêmios (ROSA, 1995, p. 53).

Nos jornais, a primeira evidência que encontrei foi de provas náuticas promovidas numa festa de São Pedro realizada em 1888 – “regatas a remos de vistosas canoas”³⁵. Podem ter mesmo ocorrido antes, ainda que não tenha deixado registros. Pelo que se pode entender, a partir de uma descrição de

³⁴ Uma imagem atual da igreja pode ser vista em: <<https://mapio.net/images-p/121782266.jpg>>.

³⁵ S. PEDRO, em Sepetiba. Gazeta de Notícias, 27 jun. 1888, p. 4.

1919, tratava-se de um páreo único, naquele ano disputado pelas canoas “de nome Bela Morena e Aliada”³⁶.



Visitas do Prefeito a Sepetiba e Santa Cruz

Vistas de Sepetiba.
Careta, 12 abr. 1919, p. 10.

Em outra ocasião, em 1923, efetivamente se registrou o já apontado por Rosa (1995), a realização de provas de remo e natação, segundo o informe acompanhadas com entusiasmo pelo grande número de presentes³⁷. Pelo que se pode perceber, basicamente pescadores disputavam os páreos. Num momento em que a modalidade náutica estava consolidada no Rio de Janeiro, o que se tinha era um modelo de competição que lembrava os seus primórdios no século XIX (MELO, 2014, 2017).

Há pelo menos um indício de que provas semelhantes podem ter sido promovidas em outras ocasiões: o registro de uma vitória de uma guarnição de Sepetiba numa regata organizada pela Armada em 1920, parte do calendário de celebrações do Dia da Bandeira³⁸. Na festividade, que contou com a presença de importantes personagens da política nacional, inclusive o Presidente da República e o Ministro da Guerra, participaram pescadores das 25 colônias do Rio de Janeiro. Os páreos foram disputados na Enseada de Botafogo, assistidos do Pavilhão de Regatas e das praias.

Os representantes do bairro venceram o quarto páreo, denominado “Presidente da República”, 2.000 metros para sardinheiros de seis remos. O líder da guarnição, Francisco José da Motta, recebeu a premiação diretamente das mãos de Epiácio Pessoa, que ressaltou esperar a colaboração dos pescadores para o progresso e a defesa da nação.

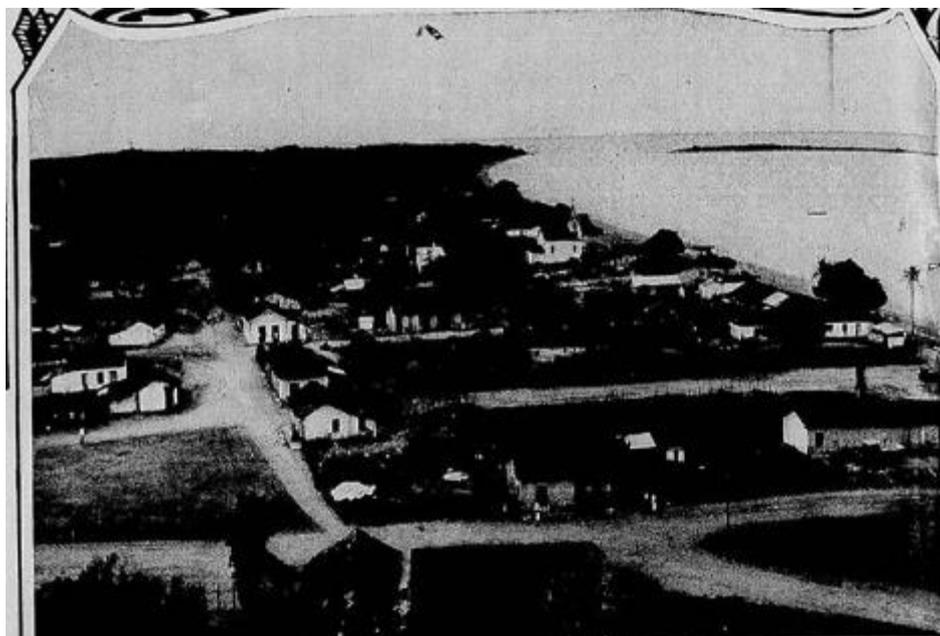
Interessante foi o comentário do cronista da Gazeta de Notícias acerca da participação da colônia de Sepetiba, naquele momento composta por 162

³⁶ FESTA de São Pedro, em Sepetiba. Correio da Manhã, 3 jul. 1919, p. 7.

³⁷ SÃO Pedro em Sepetiba. A Voz do Mar, 29 jul. 1923, p. 50/51. Esse modelo de regatas foi mantido durante muitos anos. Minha mãe lembra de ter assistido algumas dessas provas. Os clubes, quando foram fundados, deram sequência, em linhas gerais, a tal formato.

³⁸ FESTA Náutica. Revista Marítima Brasileira, ano XL, n. 1/2, jul.-ago. 1920, p. 534-535.

pescadores, dos quais 62 compareceram ao evento³⁹. Na representação veiculada, algo que não era, de fato, difícil de ocorrer, a maior parte nunca tinha deixado o bairro, menos ainda conhecido a região central da cidade. Uma vez mais, se reforçava a ideia de distância daquelas praias da Zona Oeste, o que lhes dava um caráter pitoresco.



Legenda da imagem: “Uma visão do povoado de Sepetiba com sua igrejinha e suas casas modestas”.

Revista da Semana, 30 set. 1929, p. 14.

No que tange ao futebol, não consegui evidências sobre o Flor do Lodo, citado por Rosa (1995), o que não significa que não tenha existido. Na verdade, mesmo sobre o seu sucedâneo, o Sepetiba Futebol Clube, há poucas informações nos periódicos (ao contrário do homônimo que existia na cidade de Niterói, muito referenciado nos jornais⁴⁰).

No tocante à data de criação dessa agremiação, as informações obtidas nas fontes são conflitantes com as apresentadas por Rosa (1995) e Wild (2018). Numa matéria publicada em 1956, anunciou-se que o Sepetiba Futebol e Regatas comemorava 16 anos de trajetória⁴¹, sendo uma continuidade do Sepetiba Futebol Clube. Vai ao encontro dessa data um dado disponível no Diário Oficial de 25 de abril de 1941, um pedido de diretores do Sepetiba Futebol Clube para aforar um terreno na Praia⁴². Além

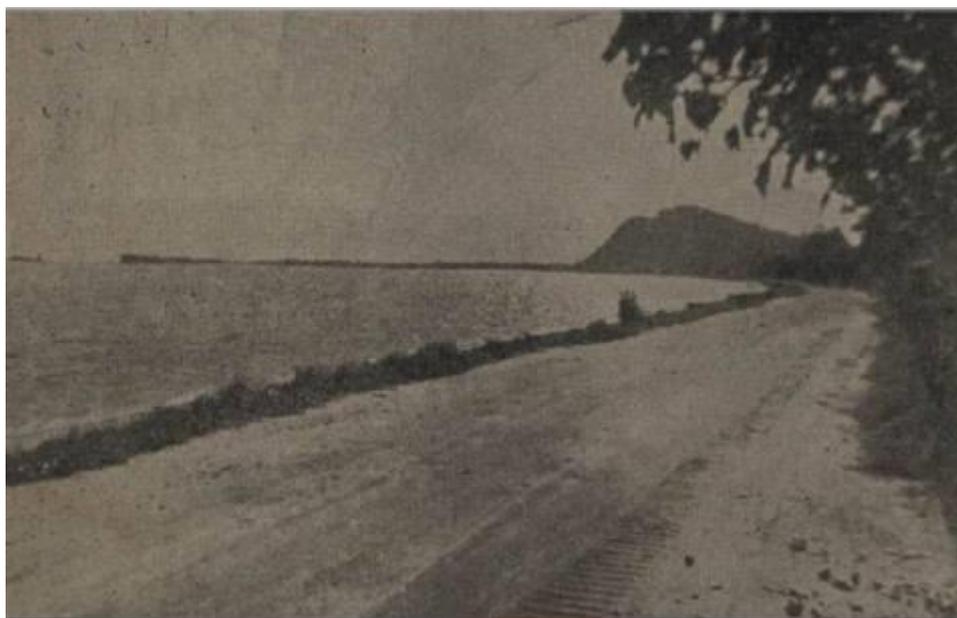
³⁹ NA ENSEADA de Botafogo. Gazeta de Notícias, 20 nov. 1920, p. 2.

⁴⁰ Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, o Visconde de Sepetiba, nasceu e teve forte atuação em Niterói. Foi um importante personagem da política nacional. Segundo Wild (2018), teria constituído uma residência no bairro, na qual “realizava saraus e outras atividades para o entretenimento dos nobres” que visitavam a Praia.

⁴¹ COMEMORA hoje o Sepetiba F.R. 16 anos de glória. Gazeta de Notícias, 16 set. 1956, p. 11.

⁴² Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 25 abr. 1941, p. 19.

disso, no Diário Oficial de 8 de outubro de 1954⁴³, se citou explicitamente o dia de fundação da sociedade futebolista: 14 de julho de 1940.



Sepetiba
Hilo Câmara de Souza
A Voz do Mar, jul. 1945, p. 1

A ausência de notícias sobre a agremiação nos periódicos consultados, bem como de informações sobre seus diretores, indica que deve ter tido uma vida mais restrita ou que os cronistas não davam ainda grande atenção à dinâmica esportiva do bairro. Alguns nomes de associados encontramos no livro de Rosa (1995): José Cardoso e Guilherme Gusmão, que serão referenciados mais adiante; Genésio Barbosa, Manoel Vaz, Joaquim Camargo, Alberto Beleza, Leopoldo Francisco e Alvin Gabriel de Almeida. Só conseguimos alguns dados sobre o último – servidor público estadual⁴⁴. Acerca dos outros, até mesmo por haver muitos homônimos, nada foi possível prospectar.

Sobre a pioneira agremiação futebolística, localizamos apenas uma matéria, informações sobre um jogo realizado contra o time de uma sociedade esportiva ligada à prefeitura, o Superintendência Futebol Clube. Segundo o jornalista, essa equipe “excursionou” até Sepetiba⁴⁵. De fato, a distância pode ter sido interveniente importante para explicar que não se tenha promovido maior número de contatos com as associações de outros bairros. Há que se ter em conta que alguns encontros devem ter ocorrido, não sendo, contudo, registrados pela imprensa.

⁴³ Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 8 out. 1954, p. 16.

⁴⁴ Encontramos uma referência de que foi promovido de contínuo para zelador (Diário de Notícias, 19 jun. 1964, p. 6). Foram também encontrados vários processos ligados à posse de terra, provavelmente de seus terrenos em Sepetiba.

⁴⁵ EM SEPETIBA, o Superintendência F. Clube. Gazeta de Notícias, 4 dez. 1952, p. 10.

Somente quando se transformou em Sepetiba Futebol e Regatas, a agremiação tornou-se mais aparente nos periódicos. Nesse caso, foi preciso Rosa (1995): no Diário Oficial se informou que a mudança se deu numa assembleia do Sepetiba Futebol Clube realizada em 17 de outubro de 1953⁴⁶.

Segundo o incrível sítio dirigido por Eduardo Cacella (História do Futebol), esses a seguir eram o escudo e a camisa do Sepetiba Futebol e Regatas; não conseguimos, contudo, mais informações sobre o mesmo no que tange ao Sepetiba Futebol Clube.



Escudo e Camisa do Sepetiba Futebol e Regatas segundo Eduardo Cacella.
Disponível em: <<https://historiadofutebol.com/blog/?p=81949>>.

Já segundo outro sítio, o escudo seria esse a seguir:



Disponível em: <<http://wikimapia.org/26436390/pt/Sepetiba-Futebol-e-Regatas>>.

O mais importante é identificar que, na década de 1940, houve no bairro um pioneiro fluxo de criação de agremiações esportivas, um movimento tardio se comparado tanto às regiões centrais do Rio de Janeiro quanto mesmo a outros bairros do subúrbio. Uma explicação para tal é a já citada peculiaridade de Sepetiba: baixo número de habitantes, pouca diversificação societária, distância das outras regiões da cidade por não haver estação de trem, tampouco muitas opções de transporte público

⁴⁶ Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 8 out. 1954, p. 16.

(durante muitos anos foi atendido por apenas uma linha que levava até Santa Cruz, sempre a alternativa local para serviços mais complexos).

Foi também nos anos 1940 que surgiu no bairro outra agremiação, o Sepetiba Iate Clube, fundado em 1947⁴⁷. Em fevereiro, um cronista saudou que “mais uma entidade cultora do esporte náutico”⁴⁸ seria criada. Já haveria um bom número de associados, “a maioria residente na mais linda praia do sertão carioca”. Segundo se informou, estava em curso a construção da garagem para abrigar os barcos e oferecer oficina de reparos.



Praia de Sepetiba (RJ), c. anos 1950.
Tibor Jablonsky.
Acervo: IBGE.

Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=418389>>.

Na concessão de alvará de funcionamento, o clube aparece situado na Praia de Sepetiba, 496, mesmo endereço do Cine Yara no ano em que estava cerrando as portas (1949)⁴⁹. Provavelmente, foi uma oferta de Luís Alexandre Tocatelli, um dos fundadores e primeiro presidente. Em 1950 e 1951, informou-se que sua sede se encontrava na Travessa do Camargo⁵⁰. Aparentemente, esse logradouro, em algum momento depois de 1953, mudou de nome exatamente em função da presença da sociedade náutica⁵¹,

⁴⁷ Diário Oficial da União, 16 dez. 1948, p. 62.

⁴⁸ IATE Clube de Sepetiba. A Noite, 7 fev. 1947, p. 10.

⁴⁹ Diário Oficial da União, 24 ago. 1949, p. 16.

⁵⁰ SEPETIBA Iate Clube. Jornal do Brasil, 1 mar. 1950, p. 11; SEPETIBA Iate Clube. Jornal do Comércio, 2. Mar. 1951, p. 13.

⁵¹ Segundo minha mãe, na esquina com a Praia de Sepetiba, havia o restaurante do Sr. João Camargo (também referenciado por Rosa, 1995), onde minha avó trabalhou. Será coincidência ou nome da travessa fazia referência ao proprietário do estabelecimento?

tornando-se Rua Iate. Próximo à Praia de Sepetiba, no número 41⁵², a agremiação esteve estabelecida por muitos anos.

Segundo o cronista de A Noite, alguns dos fundadores teriam sido Luís Alexandre Tocatelli, Artur Carvalho, Carlos Valorano Marques, Amélio de Azevedo Neves Filho⁵³. Rosa (1995) cita outros nomes: Henrique de Câncio Pontes Filho, o tenente Augusto Pinto, Israel Marques Leal Sobrinho, Osvaldo Ferreira de Almeida. Quem seria esses personagens?

Nem sempre é fácil conseguir informações sobre personagens que moravam no subúrbio, especialmente sobre os que não tiveram grande destaque em algum setor. Mais ainda, há a já citada dificuldade em função dos homônimos. Sobre alguns deles, entretanto, foi possível saber um pouco mais.



Sepetiba.

Foto Postal Colombo⁵⁴.

Disponível em: <<https://ecomuseusepetiba.webnode.com.br/album/galeria-de-fotos/#cart%3a3o%20postal-%20praia%20de%20sepetiba-jpg>>.

Luís Alexandre Tocatelli parece ter sido uma liderança no bairro, responsável, inclusive, por alguns contatos com órgãos políticos da cidade. Foi um dos responsáveis pela organização de uma festividade de recepção a

⁵² Nos dias de hoje, esse imóvel se encontra sem uso. Em 2017, foi desapropriado pela prefeitura para implantação do Centro Municipal de Cidadania (Lei nº 6209 de 26 de junho de 2017), aparentemente não implantado.

⁵³ IATE Clube de Sepetiba. A Noite, 7 fev. 1947, p. 10.

⁵⁴ Segundo Gerodetti e Cornejo (2001), entre os anos de 1953 e 1956, a Foto Postal Colombo foi uma das pioneiras a produzir postais de vistas aéreas do litoral.

alguns vereadores, promovida em 1947, ocasião em que também foram apresentadas as reivindicações de melhorias para a região⁵⁵.

Já Henrique de Câncio Pontes Filho era um reconhecido professor de educação primária do bairro, bem como, posteriormente, diretor de uma unidade de educação de adultos ligada ao Departamento de Difusão Cultural da Secretaria de Educação e Cultura. Parece ter tido uma longa e relevante trajetória na área escolar.

Israel Marques Leal Sobrinho, futuro presidente da agremiação, capitão da Aeronáutica reformado, foi um dos fundadores do Centro Pró-Melhoramentos de Sepetiba, uma iniciativa que se tornou comum em vários locais do subúrbio, uma tentativa de organização das lideranças locais para melhorar a interlocução com o poder público a fim de conseguir maior repercussão das reivindicações. No caso do bairro, se empenharam, inclusive, na luta pela posse de terra e enfrentamento dos grileiros. A entidade chegou a ter sede no Sepetiba Iate⁵⁶.



Praia de Sepetiba (RJ), c. anos 1950.

Tibor Jablonsky.

Acervo: IBGE.

Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=417699>>.

Um de seus mais atuantes Comodoros foi Antonio Nicolau Jorge, nos dias de hoje homenageado com o nome do Centro Cultural Municipal de Santa Cruz. Cirurgião-dentista de profissão, liderança política, dirigente de

⁵⁵ CHURRASCO, amanhã em Sepetiba. Diário de Notícias, 20 mar. 1947, p. 8; IATE Clube Sepetiba. Gazeta de Notícias, 14 mar. 1947, p. 15.

⁵⁶ Segundo Rosa (1995), Oswaldo Marques de Oliveira e Luiz Alves foram também fundadores do Centro.

muitas agremiações da Zona Oeste, foi, de fato, um dos que muito se empenhou pelo desenvolvimento e preservação da história local⁵⁷.

Como se pode ver pelas vinculações, tratava-se, sim, de uma elite local, mas cujo perfil era distinto do que havia nas zonas central e sul da cidade, mesmo de alguns bairros do subúrbio onde esse estrato era formado por industriais ou comerciantes de maior poder econômico. Uma comparação com a direção dos iates clubes das áreas nobres de Rio de Janeiro e Niterói (MELO, 2020a), inclusive com a agremiação náutica de Ramos (MELO, 2020b), demonstra a diferença do padrão social dos envolvidos com a associação náutica de Sepetiba.

A festa de inauguração do Sepetiba Iate foi uma expressão dessa peculiaridade, bem como de seu caráter multiesportivo e social⁵⁸. Foram promovidas provas de natação, masculinas e femininas, partidas de vôlei e jogos diversos para crianças. Já o páreo de remo, uma volta na Ilha do Tatu (um formato incomum para competições do esporte náutico), foi disputado por pescadores da Colônia, que também participaram com seus barcos da inauguração da flotilha do Clube. Para encerrar, uma sessão solene e um baile que varou a madrugada.



Praia de Sepetiba, 1958.

Autor: Pedro Pinchas Geiger; Tibor Jablonsky.

Acervo: IBGE.

Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=417238>>.

Duas ocorrências se destacam: uma maior mistura social, ainda que com limites, certamente uma expressão de que era restrita a elite local; o fato de que nos discursos sobre o clube se enfatizava a representação de

⁵⁷ Para mais informação sobre sua atuação, ver Silva (2013).

⁵⁸ Ver: NO IATE Clube Sepetiba. A Noite, 12 mar. 1947, p. 9;

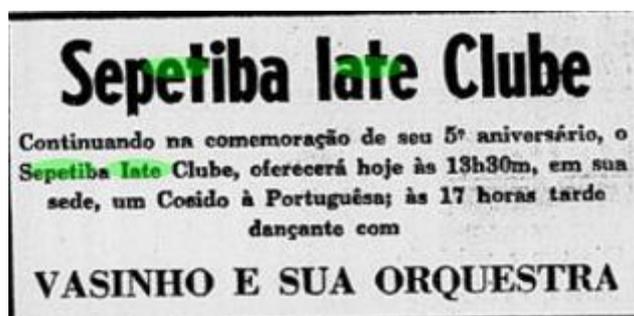
Sepetiba como local aprazível e pitoresco, uma marca nas imagens veiculadas do bairro: distante, bucólico, paradisíaco.

Saudada com algum entusiasmo a fundação do Sepetiba Iate, o fato é que, nos periódicos, pouco se vê sobre suas atividades. Ainda assim, é possível vislumbrar algo de seu cotidiano. De pronto, uma diferença: as agremiações de vela do Rio de Janeiro, em diferentes ligas, de distintas maneiras e formatos, participaram de competições entre si. Esse não parece ter sido o caso do clube sepetibano, mais ligado à prática do iatismo como passeio, mesmo que organizasse eventuais competições.

Essas praticamente só envolviam associados e gente de Sepetiba, por vezes alguns competidores dos clubes náuticos que estavam sendo fundados na região da Baía, inclusive na Costa Verde. Em muitas ocasiões, eram organizadas em datas comemorativas, como nas festas de São Pedro⁵⁹. Um modelo bastante distinto do adotado por outros iates clubes.

O Sepetiba Iate era também muito procurado por “excursionistas”, sócios de outras agremiações que decidiam passar um dia na bucólica praia, fazendo uso das suas instalações⁶⁰. Por vezes, o convite partia da própria diretoria, eventos que tinham em conta alguma homenagem ou relação política⁶¹.

De fato, por diversas vezes, o clube assumiu a condição de articulador de ações locais, convidando para sua sede políticos importantes da região e da cidade⁶². Na verdade, se tornou progressivamente aparente uma vocação que sempre existiu: era uma associação mais dedicada ao convívio social, especialmente de fim de semana. Provavelmente isso também tinha a ver com o fato de que Sepetiba tratou-se de um bairro crescentemente marcado pelo veraneio, gente que foi se associando à agremiação.



Anúncio de comemoração do aniversário do Sepetiba Iate Clube.
Diário de Notícias, 9 mar. 1952, p. 52.

Dentro desse perfil, se conformou outra vocação do Sepetiba Iate: a promoção de eventos carnavalescos. Por exemplo, em 1952, chamou a atenção dos jornais a intensa programação: baile de máscaras, almoço

⁵⁹ Ver, por exemplo: SEPETIBA Iate Clube. A Noite, 2 jun. 1950, p. 15.

⁶⁰ Ver, por exemplo: DESTA jornal. Diário de Notícias, 29 mar. 1957, p. 1.

⁶¹ HOMENAGENS do Sepetiba. Diário de Notícias, 13 jun. 1957, p. 23.

⁶² Ver, por exemplo. SEPETIBA Iate Clube. A Manhã, 5 jun. 1951, p. 1.

dançante à fantasia, baile infantil, três bailes oferecidos pelo Departamento Feminino, pela Turma dos Cocorocas e pela Turma Amigo da Onça.

A despeito da intensa animação, sempre se procurou deixar claro que não se deveria confundir esses festejos com outros que havia na cidade. A preocupação em afirmar o caráter familiar era explícita: “Fica proibido o uso de lança-perfumes no salão e suas dependências, assim como a permanência de menores nos bailes noturnos (...). Será vedada a entrada de pessoas, independente de sexo, que se apresentem de shorts”⁶³. Houve premiações para as melhores fantasias, oferecidas pelos Banco Predial⁶⁴ e Banco Nacional⁶⁵, um indício de que o carnaval local extrapolava fronteiras.

O concurso para escolha da rainha do carnaval mobilizava muita gente e motivava muitas candidatas. Em 1957, por exemplo, foi coroada Icleia Calixto⁶⁶, que disputaria o concurso Miss Distrito Federal de 1958, representando o Bangu Atlético Clube. Não é difícil que fosse também uma veranista, uma expressão de quem a sociedade náutica seguia atraindo.



Icleia Calixto.
Imprensa Popular, 10 jan. 1957, p. 5.

Essa era uma diferença com o Sepetiba Futebol e Regatas, no qual participavam mais os moradores do bairro, inclusive aqueles pertencentes às famílias mais antigas da região. Nos estatutos também havia uma sutil, mas relevante diferença. A agremiação do velho esporte bretão aceitava número ilimitado de sócios, o Iate Clube também, todavia estabeleceu que somente

⁶³ CARNAVAL no Sepetiba Iate Clube. Diário de Notícias, 23 fev. 1952, p. 2.

⁶⁴ O gerente do Banco Predial, Jayme Soares de Azevedo, parece ter sido *habitué* de Sepetiba. Ver, por exemplo: CHURRASCO em Sepetiba. Carioca, 10 ago. 1950, p. 41. Matéria com foto.

⁶⁵ SEPETIBA Iate Clube. Diário e Notícias, 14 fev. 1953, p. 2.

⁶⁶ NO SEPETIBA Iate Clube. Jornal dos Sports, 10 jan. 1957, p. 7.

160 poderiam ser sócios proprietários. Tinha ainda a categoria de temporários, possivelmente tendo em conta os veranistas.



Praia de Sepetiba, 1958.
Pedro Pinchas Geiger, Tibor Jablonsky.
Acervo: IBGE.

Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=417236>>.

Os eventos de carnaval foram mesmo ocasiões das mais importantes para o Sepetiba Iate, no mínimo aquelas nas quais o clube logrou maior repercussão pública. Tornaram-se uma tradição, aguardados por muitos, atraindo gente de vários bairros e mesmo cidades vizinhas.

Quando Momo passou a determinar meus caminhos

Ah, o carnaval em Sepetiba! Nas minhas memórias, se confundem as coisas que vivi, ainda criança, com aquelas que ouvi de minha avó. Segundo ela, havia dois ranchos no bairro, um azul e outro encarnado. O seu pai, meu bisavô, dono de um bar/restaurante no qual trabalhou, fazia questão de atender ambos com a mesma atenção. De acordo com Bide, no seu livro (1995), havia o Filhos do Oceano e o Estrela de Prata, “muito famosos, (...), chegando a ser conhecidos até no centro do Rio de Janeiro” (p. 56). Seriam esses os citados pela minha avó? Da junção, teria surgido o União de Sepetiba. Minha mãe, tios e tias podem ter brincado ao som desse grupo.

Houve outro grupo carnavalesco Filhos do Oceano famoso no Rio de Janeiro, localizado em Madureira. Mas, de fato, os dois ranchos de Sepetiba, notadamente em 1920, tiveram alguma repercussão na cidade. Uma surpresa, havia um terceiro: o Progresso da Areia Branca. Pela matéria,

percebe-se que promoviam bailes antes do dia dos desfiles, quando ocorria alguma forma de disputa⁶⁷. Desde aquele tempo, eram animados os carnavais no bairro.



Anúncio dos três ranchos de Sepetiba.
 O Jornal, 19 jan. 1920, p. 7.

Segundo minha mãe, “não sei como cabia tanta gente nos dias de carnaval”. Muitos bailes, festas nas ruas, clubes ativos, eventos diversos. Lembra que, em muitas ocasiões, faltava água, acabava a luz, tinha fila para comprar pão, mosquitos pacas, mas todo mundo ia. Fiquei com a clara impressão de que Sepetiba foi como uma espécie de Região dos Lagos antes da Região dos Lagos se tornar mais acessível (o que ocorreu depois da abertura da Ponte Rio-Niterói, já nos anos 1970).

Eu passei alguns carnavais em Sepetiba, não me lembro quantos. De um lembro bem, o de 1981⁶⁸. Recordo-me de todos na casa, cheia de gente como usual, assistindo numa pequena televisão – acho que era preta e branca, mas não estou seguro – a vitória da Imperatriz Leopoldinense com um enredo em homenagem a Lamartine Babo. Nossos dias – meu, de meu irmão e de meus primos – eram dedicados, pelas manhãs, além das brincadeiras e de incomodar algum adulto para ir à praia, a acompanhar o movimento das ruas.

Era grande o número de bate-bolas/clóvis e carrascos. Ainda havia alguns macacos e pais-João, fantasias mais antigas que deviam estar vivendo seus estertores. Do muro da casa, provocávamos os mascarados. Eles nos ameaçavam e atacavam, nos levando a buscar o refúgio covarde da barra da saia das mães e tias.

Havia os passeios das noites, espetaculares. Sepetiba fervilhava. Na rua da Praia, juntava muita gente, fantasiados ou não, enchendo os bares

⁶⁷ EM SEPETIBA. O Jornal, 19 jan. 1920, p. 7.

⁶⁸ Confesso, achava que era 1980. Consultei na internet para confirmar e vi que foi 1981.

(meu tio falou que hoje são poucos por ali, pois o centro social do bairro se deslocou para outros espaços). Tinha um pouco de medo daquilo. Mas acho também que tudo me fascinava. Nos meus devaneios, algo de meu amor atual pelo carnaval teria surgido naqueles momentos da infância.

Sim, eu também me vesti de bate-bola. Uma única fantasia que foi usada por alguns anos. Meu irmão se vestiu de carrasco. Quando menor, fui fantasiado de índio. Não gosto de falar sobre isso. Nada a ver com esses debates atuais de lugar de fala. Sentia-me envergonhado mesmo.

Algumas vezes, nos passeios noturnos, íamos para uma praça que havia no final da Rua da Floresta, uma longa rua! Provavelmente, tratava-se da Praça Oscar Rossim. Sepetiba fervilhava em um monte de lugar. Por lá, nos sentíamos mais livres, brincávamos de pique, corríamos e cobiçávamos uma pipoca doce cor-de-rosa. Depois, voltar andando para a casa era duro. Não tínhamos direito a colo. Arrastava-me. Depois de adulto, no carnaval, faria isso muitas vezes. Talvez ali em Sepetiba tenha surgido uma semente. Não sei. Só sei que tenho saudades. Aquilo era meu paraíso possível. Seria uma metáfora: Sepetiba, o paraíso possível?

O jogo dos nativos

Como dito, em 1953, a pioneira e mais antiga agremiação do bairro passou por uma mudança de nome e perfil: tornou-se o Sepetiba Futebol e Regatas⁶⁹. Esse clube também organizou animados bailes de carnaval. Vou me dedicar, contudo, a discutir seu envolvimento com o velho esporte bretão.

Vale pensar nas possíveis razões que levaram à mudança de denominação. Se considerarmos o caso de outra sociedade esportiva, o Olaria, que passou por alteração semelhante em 1920⁷⁰, a motivação pode ter sido o desejo de ampliar os compromissos sociais do clube. Isso não fica claro na experiência do Sepetiba Futebol e Regatas.

De outro lado, percebe-se que os pescadores que a princípio disputavam regatas nas atividades do Sepetiba Iate, pararam de o fazer. Pode ser que por isso tenham se aproximado da agremiação futebolística que, inclusive, tinha uma conformação societária mais próxima. Tal processo indicaria uma gentrificação da sociedade náutica.

Não temos evidências concretas para ser categóricos. Aparentemente, tratou-se mesmo de uma decorrência de novos arranjos sociais no bairro, possivelmente ocasionados em função da chegada de maior número de veranistas. De toda forma, o futebol seguiu sendo o carro chefe da antiga agremiação.

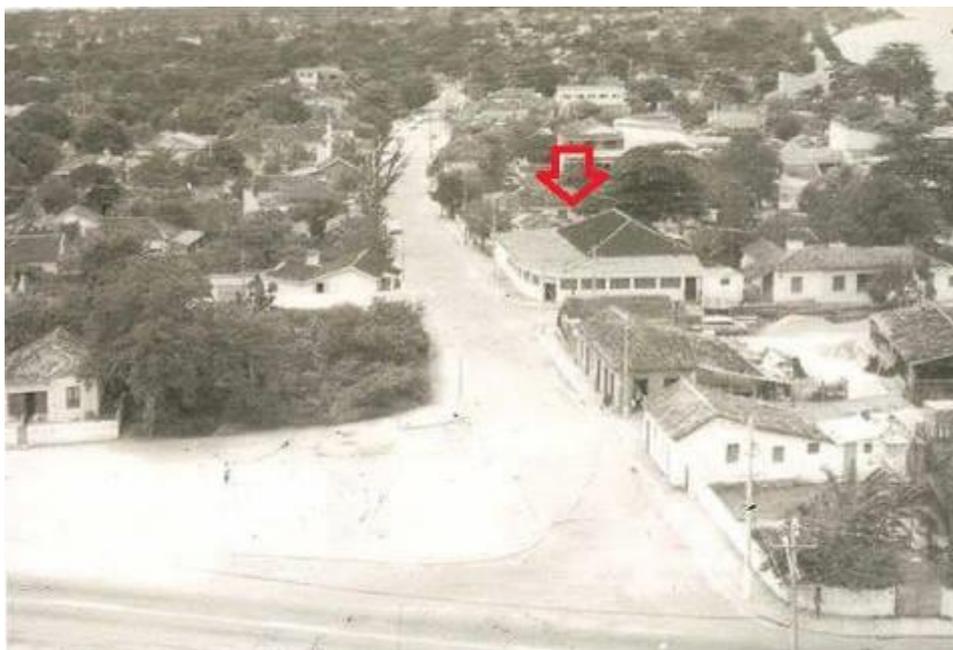
De pronto, se percebe uma antiga ocorrência, a dificuldade de atrair clubes de outros bairros para disputas. Na Gazeta de Notícias, se publicou a seguinte nota: “Estando sem compromisso para domingo, o Sepetiba Futebol e Regatas aceita jogo para primeiro e segundo quadros em seu campo.

⁶⁹ Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 8 out. 1954, p. 16.

⁷⁰ Era Olaria Futebol Clube e tornou-se Olaria Atlético Clube (MELO, 2020c).

Entendimentos com o senhor Jota pelo telefone Santa Cruz 235, das 11 às 17 horas⁷¹.

Isso não significa que fosse morna a vida esportiva do clube. Poderia não atrair tantos clubes de fora, mas constantemente havia jogos no seu campo que existe até os dias de hoje na esquina de Praia e Estrada de Sepetiba. Como vimos, sua sede social, localizada na esquina de Rua da Floresta com Rua dos Pescadores, também está de pé.



Em destaque, o Sepetiba Futebol e Regatas, esquina de Rua da Floresta com Rua dos Pescadores.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/AntigoSepetiba/photos/a.143108832536479/572979959549362/?type=3&theater>.

O Sepetiba Futebol e Regatas, mesmo com limitações, integrou as iniciativas do esporte amador da zona suburbana, movimento que teve grande vitalidade e recebeu alguma atenção da Gazeta de Notícias, longo periódico que, como outros do Rio de Janeiro, desde o início do século XX, veio paulatinamente aumentando a atenção aos subúrbios, ainda que, em muitos momentos, também reforçando certos estigmas⁷². Cristóvão de Andrade era o responsável pela página dedicada ao futebol não profissional, cronista muito conhecido e presença constante nos eventos das agremiações da região.

Há que se ter em conta que a zona suburbana cresceu constantemente no decorrer do século XX. Em 1920, ao redor de 30% dos cariocas já viviam nos subúrbios (MIYASAKA, 2016). Em 1940, já acolhia praticamente metade

⁷¹ SEM jogo para domingo o Sepetiba F. e Regatas. Gazeta de Notícias, 11 nov. 1954, p. 11.

⁷² Para um debate sobre o tema, ver Mendonça (2011) e O'Donnell (2012).

da população da cidade. Certamente, não passava despercebido aos periódicos a possibilidade de ampliar seu público consumidor.

Não surpreende, assim, que, em 1959, o *Jornal do Brasil* também tenha criado uma seção específica para cobrir “acontecimentos sociais e esportivos” do subúrbio⁷³. A responsável pela cobertura seria Leda Rau, ex Miss Distrito Federal, eleita pelo Marã Tênis Clube, uma agremiação de Marechal Hermes. O Sepetiba Futebol e o Sepetiba Iate foram convidados a estar presentes na apresentação da iniciativa, mais um sinal de que gozavam de algum reconhecimento.

Mais um indício da importância do Sepetiba Futebol é o fato de que era listado para receber recursos da verba 100, uma previsão orçamentária anual da prefeitura destinada a apoiar entidades e clubes esportivos indicados por vereadores. Sempre polêmica, já que havia a acusação de ser distribuída a partir de interesses eleitoreiros, acabou suprimida no ano de 1956 sob argumento de que aumentaram as despesas do município com pagamento de pessoal⁷⁴.



Numa visão atual (Google Maps), em vermelho, a antiga sede social do Sepetiba Futebol e Regatas; em azul, seu campo de futebol.

Não encontramos nenhum indício de filiação do Sepetiba Futebol a ligas ou de ter participado de campeonatos melhor estruturados (aqueles que possuíam maior continuidade e envolviam equipes de vários bairros da cidade). Com que equipes jogava? Há algumas evidências.

Em função da estreita relação, era usual algumas agremiações enviarem saudações à *Gazeta de Notícias* por ocasião do seu aniversário. O jornal dedicava uma página inteira para as citar nominalmente e agradecer

⁷³ CLUBES terão encontro no JB. *Jornal do Brasil*, 25 fev. 1959, p. 12.

⁷⁴ Para mais informações, ver: MAIS BENEFICIADOS com a verba 100. *Tribuna da Imprensa*, 10 jan. 1956, p. 7; CORTADAS as subvenções aos clubes amadoristas. *Tribuna da Imprensa*, 1 jun. 1956, p. 15.

“calorosamente os cumprimentos que nos dirigiram os clubes amadores, comunicando-lhes, nesse ensejo, que continuaremos a prestar-lhes todo o apoio divulgacional, mantendo mesmo uma página reservada ao noticiário do esporte amadorista”⁷⁵.

Eram agremiações de vários bairros. Em 1955, dos Distritos de Santa Cruz e Guaratiba, além do Sepetiba, foram citados: Serviços Gerais Atlético Clube (Santa Cruz), Pedra Esporte Clube (Guaratiba), 7 de abril Futebol Clube (Paciência). Referenciamos esses por serem os mais próximos, sendo, portanto, mais provável que se enfrentassem com a equipe praiana⁷⁶.

Pelo mesmo motivo, registramos as de Campo Grande: Nacional Esporte Clube, Atlético Clube Vila Nova, Sereno Futebol Clube, Volante de Campo Grande Futebol Clube, Esporte Clube Cacique, Esporte Clube Brasil e o Juvenil 26 de abril Futebol Clube⁷⁷, com o qual o Sepetiba disputou muitas partidas⁷⁸.



Miquinha, jogador do Sepetiba.
Gazeta de Notícias, 21 set. 1956, p. 11.

De fato, o Sepetiba parece ter disputado partidas contra equipes amadoras das redondezas. Em abril de 1956, por exemplo, o campo da agremiação recebeu duas, a Pneus Imperial Futebol Clube e a Saratoga Futebol Clube⁷⁹. Eram clubes pequenos e pouco conhecidos, sobre os quais não conseguimos sequer mais informações⁸⁰.

⁷⁵ O ANIVERSÁRIO da Gazeta de Notícias. Gazeta de Notícias, 5 ago. 1955, p. 7.

⁷⁶ Havia outros clubes na região, entre os quais, por exemplo, o Atlético Clube Santa Cruz, antes chamado de Oriente Atlético Clube.

⁷⁷ Também em Campo Grande, havia muitos outros clubes.

⁷⁸ Ver, por exemplo: O 26 DE ABRIL venceu o Sepetiba. Gazeta de Notícias, 2 set. 1955, p. 11.

⁷⁹ SEPETIBA X Pneus Imperial. Gazeta de Notícias, 28 abr. 1956, p. 11.

⁸⁰ Rosa (1995) cita outras agremiações contra as quais o Sepetiba atuou, bem como o nome de muitos jogadores do clube.

Como Sepetiba era considerado destino de excursão, o gramado da agremiação acolheu muitos jogos de confraternização entre equipes de fora, como a partida entre o G. R. 29 Futebol Clube, de funcionários do Hospital Rocha Faria (Campo Grande), e o Volantes de Bangu, integrada por motoristas daquele bairro⁸¹. Ao final, foi servida, na sede da Rua dos Pescadores, uma peixada, prato que se tornou uma tradição dos festejos locais, fazendo jus à vocação de ser um lugar de pesca farta, com frutos do mar de boa qualidade⁸².



Praia de Sepetiba (RJ), c. anos 1950.

Tibor Jablonsky.

Acervo: IBGE.

Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=418389>>.

Nem sempre, contudo, os encontros foram tão amigáveis, a despeito da representação de que Sepetiba era um lugar acolhedor. O clube assumia e reforçava essa ideia de que o bairro se diferenciava pela amistosidade de seu povo. As lides futebolísticas, contudo, por vezes, inflavam os ânimos.

Em uma ocasião, chegou aos jornais um conflito que houve num jogo disputado contra uma agremiação denominada Real Madrid. O presidente do Sepetiba, José Cardoso, frente à difusão pública do ocorrido, fez questão de

⁸¹ G. R. 29 F. C. X Volantes de Bangu. *Gazeta de Notícias*, 18 out. 1956, p. 11.

⁸² Durante décadas, esse foi o prato servido em festividades. Ver, por exemplo: SEPETIBA: um voto de louvor à natureza! Uma peixada em frente ao mar. *Beira-Mar*, 26 mar. 1932, p. 1. Matéria com fotos. Na minha família, pescado era uma comida usual. Lembro com saudades da tainha preparada pela minha avó. A preparação dos caranguejos era um espetáculo um tanto brutal, pois os bichos tentavam escapar da panela no fogo.

criticar os jogadores da equipe visitante por não saberem “encarar as dificuldades da luta com a devida serenidade e em vez de agirem com esportividade, entregaram-se a manifestações que perturbaram o andamento do *match*”⁸³. Segundo ele, um atleta de sua agremiação teria, inclusive, se lesionado gravemente graças à violência dos adversários.

A mensagem que procurava passar José Cardoso era de que esse tipo de procedimento, supostamente, não combinava com a imagem do bairro. Todavia, não foi a única vez que conflitos envolvendo o clube chegaram aos jornais: “Os diretores do Pantera Negra dos Pilares voltaram impressionados com a falta de receptividade dos torcedores do Sepetiba Futebol e Regatas”. Segundo a matéria, a agremiação “excursionou” a Sepetiba – a ideia de distância de sempre – e, por estar vencendo, foi surpreendida com “um forte sururu”⁸⁴.

Segundo um informante do Pantera Negra, “A briga foi feia (...) e ficamos presos no interior de uma casa comercial, de onde saímos com a ajuda de uma radiopatrulha”. De acordo com seu olhar, os diretores do Sepetiba se portaram bem, buscando os proteger. Já os torcedores tentaram os agredir, “chefiados por um desordeiro que atende pelo nome de Juca”.

Trata-se de uma dissonância entre os interesses e discursos dos grupos do bairro envolvidos com as práticas culturais, algo observável em outras regiões do subúrbio carioca e na cidade como um todo. As lideranças forjavam uma representação que articulava dois símbolos: bucólico e civilizado. Mas tal olhar tinha que ser negociado com os frequentadores. Nem sempre isso lograva sucesso, nunca se dava de forma consensual. Quem seria esse “desordeiro” Juca? Não foi possível saber. De toda forma, ele materializou a tensão entre projetos, expectativas e o cotidiano⁸⁵.

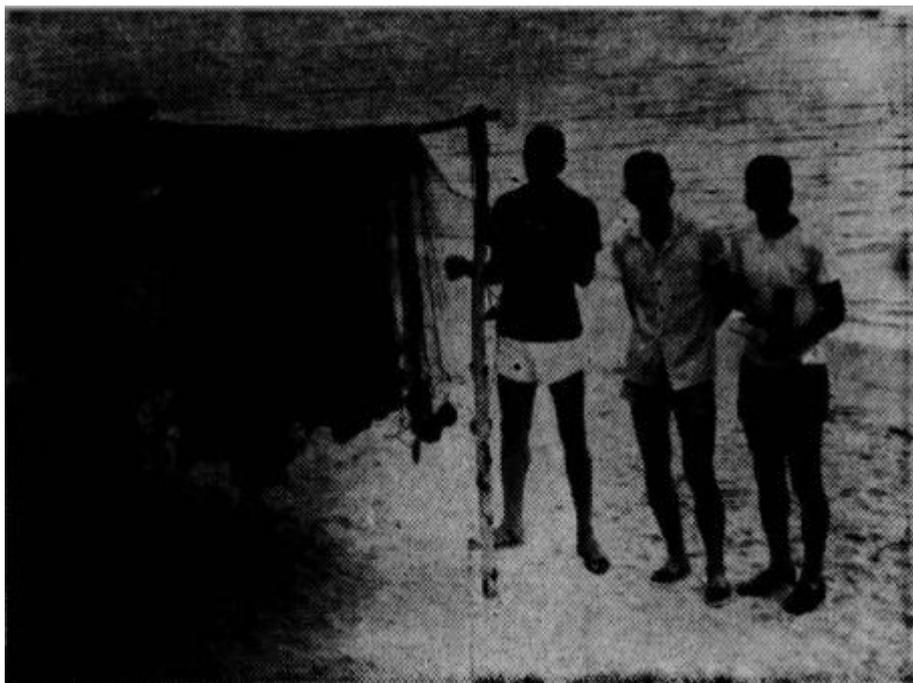
De toda forma, no que tange ao futebol, é interessante observar que a equipe do Madureira se concentrou durante um tempo no bairro a fim de aproveitar as aprazíveis condições e a amistosidade do povo local (além do fato de um dos diretores ter por lá uma casa)⁸⁶. Tal presença movimentou Sepetiba e foi mais uma divulgação das belezas da região. Os treinos eram realizados no campo do Sepetiba Futebol e Regatas, contando com apoio da diretoria, especialmente do presidente José Cardoso.

⁸³ PRESIDENTE do Sepetiba F. R. contesta e faz esclarecimentos. *Jornal dos Sports*, 20 ago. 1960, p. 8.

⁸⁴ NOTÍCIAS e Venenos. *Tribuna da Imprensa*, 7 dez. 1960, p. 5.

⁸⁵ Ao comentar esse caso com minha mãe, ela não sabia quem era Juca, mas comentou: “Sempre tinha confusão por lá!”.

⁸⁶ MADUREIRA decora, em Sepetiba, chave para vencer Fluminense. *Jornal dos Sports*, 11 dez. 1959, p. 5.



Jogadores do Madureira na Praia de Sepetiba.
Jornal dos Sports, 11 dez. 1959, p. 5.

Não foi possível conseguir, como no caso do Sepetiba Iate, muitas informações sobre a diretoria do Sepetiba Futebol e Regatas. Numa notícia sobre um jogo disputado contra o Ceres, promovido em homenagem à Gazeta de Notícias, ficamos a saber que atuava como presidente José Cardoso (Jota), como vice-presidente Guilherme Gusmão e Alcebiades Francisco Rosa como diretor social⁸⁷.

Os três eram personagens conhecidos e lideranças de Sepetiba, membros de antigas famílias do bairro. Nos periódicos, foi possível perceber que Gusmão foi um dos dirigentes da Coligação Autonomista de Santa Cruz, bem como tinha ligações com o vereador e deputado Breno da Silveira. Foi muito ativo na luta contra a atuação de grileiros na região.

Alcebiades parece ter tido também alguma vinculação política. Ao menos, encontramos uma evidência de sua participação ativa num comício de Tenório Cavalcanti, realizado em Sepetiba, em 1960, quando foi candidato a governador da Guanabara⁸⁸.

Com destaque para a liderança de Jota, sobre o qual não conseguimos muitas informações, foi essa diretoria que organizou um grande festival para comemorar, em 1956, os 16 anos de vida do Sepetiba. A programação esportiva foi uma expressão do perfil que a agremiação tinha adotado: jogos diversos, provas de natação, páreos de remo, destaque para a partida de futebol, disputada com o Serrano Futebol Clube (equipe do Engenho Novo)⁸⁹.

⁸⁷ PELEJA empolgante fizeram Ceres e Sepetiba. Gazeta de Notícias, 13 mar. 1956, p. 11.

⁸⁸ A Luta Democrática, 31 mai. 1960, p. 2

⁸⁹ COMEMORA hoje o Sepetiba F.R. 16 anos de glória. Gazeta de Notícias, 16 set. 1956, p. 11.

Quem precisa de iatismo?

Os três diretores do Sepetiba Futebol e Regatas eram conhecidos de minha mãe e de minha família. Jota morava em outra esquina da Rua Pedro Leitão com Rua da Floresta. Guilherme Gusmão era tio de tia Nilda. Alcebiades, o Bide, morava na Pedro Leitão.

Perceba-se a diferença. Minha família não conhecia bem ninguém da diretoria do Sepetiba Iate Clube. Quando falei da agremiação para minha mãe, a única referência que me deu foi que o avô José, pai de tia Fernanda, fez muitas obras por lá (era pedreiro e mestre de obras). Ele foi também um dos responsáveis pela construção da sede do Náutico (que abordaremos mais adiante).

Isso pode indicar apenas uma questão de local de residência. O Sepetiba Futebol e Regatas ficava próximo da casa de minha família, enquanto o Iate Clube tinha sede um pouco mais distante. Segundo minha mãe, no seu tempo de jovem, ela era aconselhada a não ir para aquelas bandas, pois, na representação familiar, haveria mais “gente estranha”, aqueles que vinham de fora com costumes distintos aos locais. Tio Ilson e tio Zeca tinham a tarefa de vigiá-la.



Praia de Dona Luiza/Recôncavo.

Foto Postal Colombo.

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/AntigoSepetiba/photos/a.143108832536479/572980789549279/?type=3&theater>>.

Na verdade, tendo em conta seu olhar, mas também algumas interpretações traçadas a partir das fontes, persiste uma impressão de que o bairro era mesmo, de alguma forma, dividido em dois: para cá, os mais

antigos, de estrato econômico mais baixo ou médio; para lá, estavam os que chegaram a menos tempo, alguns de poder aquisitivo maior.

O desconhecimento de meus familiares acerca do Sepetiba Iate pode também indicar uma diferença de classe social dos envolvidos com os clubes. Perguntei a minha mãe, sobre os diretores do Sepetiba Futebol: eram ricos? Resposta peremptória: - Não! Mas tinham bons empregos. E estavam envolvidos com política (sem conseguir precisar o que significava isso).



Sepetiba.

Foto Postal Colombo.

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/AntigoSepetiba/photos/a.143108832536479/572978066216218/?type=3&theater>>.

Quando criança, quando pude perceber algo do mundo, minha família não era mais pobre. Talvez nunca tenha sido exatamente. Mas era uma família de camada popular que foi se tornando de estrato médio com o trabalho árduo de todos. Trabalho nunca foi problema. Tenho muito orgulho de ter aprendido isso com eles.

Na geração da minha avó e da minha mãe, ninguém fez curso superior. Minha geração (netos de Sérvula, um longo espectro etário) é a primeira que fez faculdade, ainda assim poucos em universidades públicas. Só eu mesmo segui uma carreira acadêmica⁹⁰. Para além das diferenças societárias, ou até mesmo por isso, para nós, o iatismo não era um interesse (é bem verdade que também não uma possibilidade). O futebol, sim, era.

⁹⁰ Agora temos mais um, meu primo de 2º grau Felipe, filho de meu primo e padrinho Paulo, filho de tia Luzia, irmã de minha mãe, casada com o tio Ari. Eles também foram algumas vezes a Sepetiba, e tinham uma casa estupenda em Campo Grande! Paulo, arquiteto formado pela UFRJ, foi muito importante na minha formação cultural e intelectual.

Talvez não para todos, mas para alguns de minha família o futebol era um assunto importante. Meu pai era um flamenguista fanático, e gostava que eu ouvisse as partidas em sua companhia. Devo a ele ser um torcedor do Mengão. Gostava muito de jogar bola, era minha diversão preferida, pela qual paguei com algumas lesões: unhas arrancadas, joelhos ralados, cotovelos esfolados. Ganhar uma pelota era um delírio. Tive várias: dente de leite, courinho, de plástico, de tudo que foi jeito.

Na casa de Sepetiba, o futebol também estava presente. Tio Belford e tio Ilson foram sócios do Sepetiba Futebol e Regatas, ajudando a organizar algumas iniciativas. O primeiro foi árbitro de muitas partidas. Há fotos! Meu primo Marcos está as buscando nos seus arquivos familiares. Minha mãe lembra de ter assistido a vários jogos da agremiação no campo sem arquibancadas da Estrada de Sepetiba.

Tio Belford era torcedor fanático do Fluminense, como seu filho, meu primo Belforzinho (o chamávamos de tio em função da diferença etária). Lembro de uma das temporadas em Sepetiba na qual ele ouviu incessantemente o último LP do Bebeto – É Mo, é na, é li, é sa, só posso lhe dizer que é Mona Lisa! Gosto do cantor até os dias de hoje.

Vez ou outra, aparecia na casa um irmão de tia Nilda que era jogador de futebol. Tinha jogado no Fluminense e em vários clubes do país⁹¹. Gostava de ouvir os papos. Talvez tenha acalentado, como tantas crianças, o sonho de ser jogador. Não sei, não tenho certeza. Depois que meu pai me deixou cedo, perdi um pouco o interesse pelo velho esporte bretão. Recuperei quando nasceu meu filho, João, nome dado em homenagem ao velho. Não tergiversei e não lhe dei escolha: é flamenguista também (nem liga para isso, ok, mas é!).

Na casa de Sepetiba, obviamente surgiam papos e rivalidades de futebol. Não me lembro que tenham causado conflitos. Ou não vi. Era criança. A divisão era bem tradicional. Os homens faziam as ditas tarefas masculinas, as de fora da casa, sempre depois de trabalhar. As mulheres faziam as tarefas domésticas. As crianças eram crianças, e eventualmente eram mobilizadas para fazer alguma coisa. Em geral, só perturbavam mesmo.

Algumas foram as viradas de ano da família naquela casa. Lembro quando, antes da meia noite, dávamos um passeio pela praia que ficava cheia de casas de umbanda fazendo seus rituais. Minha família foi sempre misturada nesse aspecto. Todo mundo católico, mas muitos fazendo sua macumbinha. Minha avó acompanhou a missa dominical até os seus últimos dias, mas também incorporava uma linda entidade, em muitas ocasiões quando estávamos todos reunidos.

No réveillon, na Praia de Sepetiba, areia, calçadas e ruas ficavam lotadas: adeptos da religião, alguns se consultando, outros só assistindo por curiosidade, uns que a tudo acompanhavam de longe, tantos somente a celebrar. Confesso que tinha um misto de sentimentos, uma vontade de ver aquilo tudo, mas uma certa apreensão, um pouco de vontade de voltar para casa, ainda que por lá também houvesse muita gente!

⁹¹ Segundo minha mãe, trata-se de Sildes de Sousa Póvoas, apelidado de Silveira, um jogador de Sepetiba que teve renome por um bom tempo. Uma matéria sobre ele foi publicada em Revista do Esporte, n. 589, 1970, p. 13.

Como cabia tanta gente naquela casa? Eram muitas tias, tios, primos, primas, agregados, meu deus, era muita gente! Era gente dormindo para todo lado, disputando os parques ventiladores. E tinha mosquito. E daí? Aquilo foi meu paraíso. E acho que de muitos de nós. Talvez seja pouco aos olhos do leitor mais exigente. Para mim era muito.

Devo nesse momento, a bem da verdade, alertar o leitor: não pense que sou um cara do tipo família. Talvez seja dos mais afastados. Por personalidade mesmo. Mas guardo com intensidade as memórias de minha trajetória, na qual meus familiares ocupam parte especial. Certamente, são releituras procedidas a partir de tantas coisas que vivi nas últimas décadas. Não importa, são minhas memórias e ninguém tasca! Nelas, Sepetiba ocupa um lugar especial.

O auge e o princípio do fim

Em 1958, estando em pleno funcionamento o Sepetiba Iate e o Sepetiba Futebol, surgiu nos jornais o anúncio de uma nova agremiação náutica no bairro, o Iate Clube Ponta do Ipiranga, referência a uma pequena elevação que existe entre a Praia do Recôncavo e a Praia do Cardo.



Anúncio do Iate Clube Ponta do Ipiranga.
Jornal do Brasil, 12 mar. 1958, p. 4.

Tratou-se de uma curiosa agremiação. Não encontrei antes nenhuma referência a sua existência. Da mesma forma, deixou poucos indícios de sua trajetória. Virgílio Gonçalves Ledo, que assinou a convocatória anterior como 1º secretário, era chefe do setor agropecuário de uma granja do Serviço da Administração Penitenciária. Já em 1959, num informe de atividade social,

ficamos sabendo que era presidente o tenente-coronel João Moura Dias, liderança local, futuramente cassado por um dos atos institucionais⁹².

Em 1960, uma convocatória solene para uma reunião dá a impressão de que se tratava mesmo de uma sociedade muito ancorada na localidade: “São convidados todos os sócios e moradores da Praia de D. Luiza para uma reunião (...), a fim de serem apreciadas propostas decisivas de interesse de sócios e moradores”⁹³. Um anúncio de 1963, indica que a sede se localizava na Rua Léa Maria⁹⁴.



Praia de Dona Luiza, 195?. Ao fundo, a Ponta do Ipiranga.
Tibor Jablonsky.
Acervo: IBGE.

Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=417755>>.

Nesse mesmo anúncio, convocatória para uma assembleia, se pôs em pauta a proposta de fusão com o Clube Olímpico, decisão sacramentada pelos presidentes de ambos, respectivamente Elder Gomes Ribeiro e Manuel Buarque de Macedo⁹⁵. Essa agremiação fora fundada em 1962, um empreendimento com aspirações de ser um *country* clube com ares de estância turfista⁹⁶. Aparentemente, nunca chegou a tanto, destacando-se pelas festas e atividades sociais. Quando promovia algum evento esportivo,

⁹² REUNIÕES. Correio da Manhã, 5 mai. 1959, p. 15.

⁹³ Diário de Notícias, 10 abr. 1960, p. 55.

⁹⁴ Correio da Manhã, 21 mar. 1963, p. 13.

⁹⁵ RUSH. Tribuna da Imprensa, 17 abr. 1963, p. 5.

⁹⁶ CLUBE. Tribuna da Imprensa, 23 out. 1962, p. 11.

tinha um time de futebol chamado Xamego, utilizava a sede do Sepetiba Futebol e Regatas⁹⁷.

O Iate Clube Ponta do Ipiranga e o Clube Olímpico não chegaram ao fim dos anos 1960. Maior duração e impacto no bairro teve outra agremiação criada em 1958, o Clube Náutico Recôncavo, com sede no início da Praia de Dona Luiza, na Estrada de São Tarcísio⁹⁸.

Teria ocorrido algo no Sepetiba Iate Clube para justificar a fundação de mais dois clubes náuticos no bairro? Nos jornais, nada encontramos diretamente sobre o assunto, ainda que seja perceptível uma maior movimentação de assembleias, eleições, prestações de contas, propostas de mudanças de estatutos. Conseguimos alguns indicadores num depoimento de Emanuelle Borba, moradora do bairro, disponível na dissertação de Vaz (2019).

Segundo ela, os avós foram fundadores do Sepetiba Iate. No seu olhar, o avô, desembargador, um dos responsáveis pela divulgação do bairro e dinamizadores do clube, “era muito criterioso, e nas palavras de Emanuelle, gostava das coisas muito certinhas, sem bagunça; no seu Clube Náutico, até o carnaval era todo regrado” (VAZ, 2019, p. 107).



Praia de Dona Luiza.
Foto Postal Colombo.

Disponível em: <<https://ecomuseusepetiba.webnode.com.br/album/galeria-de-fotos/#cart%3a3o%20postal-%20recanto%20da%20praia%20de%20dona%20luiza-jpg>>.

⁹⁷ Ver, por exemplo: CHURRASCO e jogo em Sepetiba. *Jornal dos Sports*, 26 mai. 1963, p. 6.

⁹⁸ *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1959, p. 63.

A seu ver, “Os moradores que não estavam muito satisfeitos com o carnaval do clube dos certinhos, termo que Emanuele utilizou, fundaram outro clube, o Recôncavo, e este passou a ter uma tradição de carnaval muitíssimo animado”. Não devemos discutir a exatidão ou não das informações, mas considerar a relevância da representação: havia dissidências e distintos projetos no Sepetiba Iate.

Mais ainda, há que se ter em conta que o bairro cresceu, se espraiando para as áreas antes menos habitadas da Praia de Dona Luiza. Vejamos um dado de 1966 referente à 19ª Região Administrativa do Estado da Guanabara, da qual Sepetiba fazia parte. Eram cerca de 80.000 almas, certamente bem menos no balneário que ficava lotado em dias festivos (IBGE, 1966). Considerando os já citados dados de 1950, em 16 anos é possível que tenha crescido na ordem de 200%.

Explica a concentração inicial dos moradores na Praia de Sepetiba a dificuldade de transporte – a principal via de acesso era a Estrada de Sepetiba. Posteriormente, se tornou mais usual chegar pela Estrada de São Tarcísio, o que facilitou a ocupação dos terrenos no seu entorno. Pode também ter atraído os veranistas o fato de que aquela faixa do litoral tinha uma diferença de maré, mais tempo de água, menos tempo de lama, se comparada com a Praia de Sepetiba⁹⁹.

De fato, as décadas de 1950 e 1960, parecem ter sido momentos áureos de veraneio em Sepetiba, bem como da repercussão positiva do bairro na cidade. Na verdade, a valorização desse hábito foi perceptível em todo Rio de Janeiro. O rápido crescimento da cidade no pós 2ª Grande Guerra desencadeou uma sensação de que o tecido urbano se esgarçava. Uma das decorrências foi o aumento da busca por atividades realizadas na natureza, entre as quais algumas práticas esportivas, campismo, excursionismo. Logo surgiram estruturas para dar conta desses novos interesses, como o Camping Clube e o Motel Clube, bem como suportes como o Guia 4 Rodas (DIAS, 2008).

Além das belezas da região, já há algum tempo difundidas pelos periódicos, outros fatores contribuíram para a sua valorização, tais como a divulgação dos citados “poderes medicinais” da lama daquele litoral, a maior possibilidade de trânsito com a abertura da Avenida Brasil e o acirramento da relação dos cariocas com as praias, um processo que vinha se delineando desde o século XIX, e se tornou mais claro a partir dos anos 1930 (MELO, 2001; O’DONNELL, 2013).

Há uma hipótese que merece ser melhor investigada no futuro. Se num primeiro momento, os veranistas procuraram mais as cidades serranas – Petrópolis, Teresópolis, Friburgo, entre outras –, a partir de meados do século XX passou a se valorizar mais as estâncias praianas. A Região dos Lagos ainda era de mais difícil alcance em função da dificuldade de transporte; a Ponte Rio-Niterói somente foi aberta em 1974. O litoral da Costa Verde tornou-se o preferido de muita gente.

⁹⁹ Segundo minha mãe, a essa altura, “tudo passou a acontecer por lá”, uma representação de quem vivia na parte mais antiga do bairro.



Sepetiba. Provavelmente década de 1950.

Foto Postal Colombo.

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/AntigoSepetiba/photos/a.143108832536479/572985496215475/?type=3&theater>>.

Em vários âmbitos, se percebem referências ao balneário, algumas curiosas. Por exemplo, na marcha de Braguinha, “Pescador granfino”, que fez sucesso no carnaval de 1956, na voz de Emilinha Borba:

Pescador granfino,
Só conta lorota,
E vai pra pescaria,
De caniço e champanhota,
E vai pra Cabo Frio,
E vai pra Sepetiba,
Mas não pesca, "néca de pitibiriba".

Nem có, có, cocoróca,
Có, có, có, có, cocoróca,
E passa o dia inteiro,
Dando banho na minhoca¹⁰⁰.

Nessa canção, vemos uma referência à presença de um novo personagem, não o pescador artesanal tradicional, mas aquele que, por ser rico, exhibe-se na cena pública com um aparato, sem, contudo, apresentar

¹⁰⁰ Para um vídeo de Emilinha Borba interpretando a marchinha, ver: <<https://www.youtube.com/watch?v=t8uZf8oGkz8>>. Uma parte da família da cantora vivia em Sepetiba, eventualmente visitada pela cantora. Sua sobrinha-neta mora no bairro e coordena um importante centro cultural, A Era do Rádio. Não consegui saber se está em funcionamento. Mais informações em: <https://www.facebook.com/EspacoCulturalAEradoRadio/>.

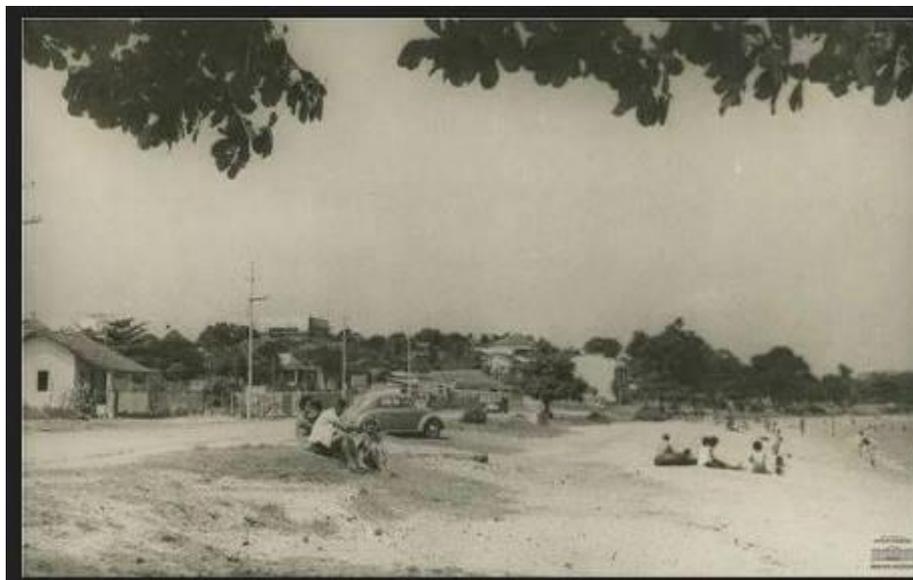
uma performance à altura de seu “arsenal”. Poderia ser uma alusão aos veranistas que frequentavam o bairro nos fins de semanas, feriados e férias.

Em 1959, a mesma cantora eternizou o bairro em mais uma marchinha, essa composta por Alberto Maya e Silvio Kant:

Serapião tinha dinheiro pra xuxu
Oh, Oh!
Mas não podia ver rabo-de-saia
Ficou na pindaíba,
E acabou em Sepetiba
Vendendo Siri na Praia...

Siri, Olha o siri
Tá fresquinho, tá quentinho
E assim sentado na areia
Vendia siri
Quem comprou tanta sereia...¹⁰¹

Nessa canção, vemos, a princípio, uma visão menos elogiosa à região. Em função de seu “vício” em mulheres, por ter perdido sua fortuna, só resta a Serapião a opção de trabalhar em Sepetiba. Perceba-se, contudo, que esse não se confunde com o granfino da música anterior, que não vive do resultado da pesca. Nesse sentido, as representações se complementam e categorizam uma diferença entre os dois personagens usuais no bairro: o veranista e o pescador.



Praia de Sepetiba, 1963.
Acervo: Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã.
Disponível em:

<<https://www.facebook.com/Guarantiga/photos/a.490233921007939/1494462307251757/?type=3&theater>>.

¹⁰¹ Para um vídeo da marchinha cantada por Emilinha Borba, ver: <<https://www.youtube.com/watch?v=8u1YfeL9h7Q>>.

Alguns anos antes, em 1950, na Baía de Sepetiba fora filmada “Estrela da Manhã”, primeira película dirigida pelo crítico de cinema Jonald, pseudônimo de Oswaldo Marques de Oliveira, morador de Sepetiba, um dos fundadores do Centro Pró-Melhoramentos de Sepetiba. Com argumento de Jorge Amado e música de Dorival Caymmi, estrelada pelo cantor, Paulo Gracindo e Dulce Bressane, o filme foi considerado, nos jornais, como forma de divulgação de “um fabuloso trecho do litoral brasileiro, inegavelmente dos mais belos do mundo”¹⁰².

A trama é curiosa por tratar de um encontro tenso entre dois mundos. Um médico chega a uma colônia de pescadores para atuar em função de uma epidemia. Ao fim, acaba por ficar com a noiva do nativo (CAYMMI, 2001). Mais uma possível alusão ao processo pelo qual passou a região.



Praia de Dona Luiza.
Foto Postal Colombo.

Disponível em: <<https://ecomuseusepetiba.webnode.com.br/album/galeria-de-fotos/#cart%3a3o%20postal%20-%20praia%20de%20dona%20luiza-jpg>>.

Personagens importantes da cidade mais amiúde anunciaram as belezas do bairro¹⁰³. Austregésilo de Athayde, proprietário de uma ilha na Baía, enaltecia a área em suas colunas em O Cruzeiro. Jornais e revistas faziam extensas matérias exaltando as praias locais¹⁰⁴.

Esse aumento do número de veranistas não trouxe somente aspectos positivos para o bairro. Se, de um lado, dinamizou a economia local, de

¹⁰² A ESTRELA da Manhã: um filme de projeção internacional. A Manhã, 23 mai. 1948, p. 1. Matéria com fotos. Uma breve cena da película pode ser vista em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nk059GsHxTA>>. Deveria ter sido dirigida por Mário Peixoto que, em região próxima, fez seu único e celebrado filme: Limite (CUNHA, 2018).

¹⁰³ Por exemplo, Max Nunes estabeleceu uma residência em Sepetiba. Ver: MAX Nunes rejeitou quase um milhão de luvas. Vida Doméstica, mar. 1956, p. 65.

¹⁰⁴ Ver, por exemplo: O PITORESCO também frequenta algumas praias da cidade. O Mundo Ilustrado, 2 abr. 1960, p. 28.

outro, ocasionou uma ocupação pouco ordenada, o crescimento da poluição e do impacto ambiental, alguns choques culturais, um processo que pressionou os habitantes mais antigos, inclusive os pescadores artesanais, abrindo a porta para práticas predatórias.

Há que se ter em conta que o bairro, mesmo crescendo muito, ainda estava longe de ter uma infraestrutura adequada para receber tanta gente, notadamente nos dias festivos. Nesse quadro, é possível que os que habitavam e/ou veraneavam na Praia de Dona Luiza tenham acalentado o desejo de ter seus clubes próprios. Perceba-se que as agremiações mais novas foram fundadas exatamente naquela região.

O Recôncavo, a exemplo do que ocorria com o Sepetiba Iate, também tinha inserção local. A propósito, estabeleceu contatos políticos diversos, entre os quais com o já citado Breno da Silveira, o vereador (depois deputado estadual e federal) Pedro Faria e o vereador Dias Lopes, na ocasião, vice-presidente da Câmara¹⁰⁵.

Quem dirigiu o clube? Francisco Pinto Coelho foi um dos presidentes. Nos jornais, há três homônimos famosos, um funcionário da Marinha, um engenheiro e outro médico. Não conseguimos identificar se algum deles se trata do dirigente. O diretor social era Hugo Ribeiro Vale, antigo esportista, especialmente ligado ao basquete e ao vôlei¹⁰⁶. O médico Raphael Haenny também foi presidente em uma das pioneiras gestões, aparentemente a primeira. Encontramos ainda os nomes de Luiz Paravato e Arlindo Simas.



Visão aérea atual do Clube Náutico Recôncavo.
Google Maps.

Conforme sugeriu Emanuelle Borba, pareciam mesmo muito animados os carnavais do Recôncavo, algo constantemente anunciado nos periódicos. Foi adotado um formato semelhante ao dos clubes mais antigos: bailes para

¹⁰⁵ GOTA por gota. Diário Carioca, 20 set. 1959, p. 22.

¹⁰⁶ Ver entrevista com ele publicada em Jornal dos Sports, 5 ago. 1958, p. 3-4.

adultos e crianças, concursos de fantasias, batalhas de confetes, eleição de rainhas e princesas.

Foi uma época em que as disputas de beleza feminina se tornaram usuais e valorizadas na cidade. No Concurso Sereia das Praias Cariocas, realizado em 1965, a concorrente do bairro de Sepetiba Sheila Marisa Lima¹⁰⁷, foi apresentada como “mignon como a praia que representa”¹⁰⁸. Perceba-se a imagem forjada por um cronista que não era local. O litoral do bairro é bem grande, mas a ideia de algo pequeno é sempre enfatizada.



À esquerda, Sônia Maria Pacheco Sardinha. À direita, Rosina Paravato.
Princesa e Rainha do carnaval do Recôncavo/1961.
Última Hora, 30 jan. 1961, p. 5; Última Hora, 1 fev. 1961, p. 5.

O Recôncavo se destacou por um caráter esportivo mais denotado graças, inclusive, às notáveis ações de Hugo Vale. Já em 1958, inaugurou-se uma quadra esportiva para a prática do basquete e do vôlei, ocasião que contou com a participação de prestigiosos clubes do subúrbio, o Bangu Atlético e o Mackenzie¹⁰⁹.

No mesmo ano, anunciou-se a intenção de inscrever equipes do Recôncavo na décima edição dos já famosos Jogos da Primavera¹¹⁰, uma das mais importantes competições amadoras daquele momento. Tratou-se de uma movimentação pouco identificada nos clubes que existiam no bairro até então, pelo menos no que tange à intensidade do envolvimento com as entidades do campo esportivo.

¹⁰⁷ SEREIA começará com maiô de 1910. Diário de Notícias, 27 mar. 1965, p. 6.

¹⁰⁸ ESCOLA de sereias. Manchete, 27 mar. 1965, p. 132.

¹⁰⁹ INAUGURAÇÃO da quadra. Diário de Notícias, 19 jul. 1958, p. 16. Futuramente, o clube também estimularia a prática do futebol de salão.

¹¹⁰ NOVAS inscrições para a grande olimpíada feminina. Jornal dos Sports, 3 ago. 1958, p. 3.



Visão atual do Clube Náutico Recôncavo.
Google Maps.

Nessa mesma época, o Sepetiba Iate Clube seguia mantendo algum envolvimento com o esporte. Em 1964, tornou-se a primeira agremiação do bairro a se filiar a uma liga, a Federação Metropolitana de Voleibol¹¹¹. Promovia ainda competições por ocasião das festas de São Pedro – provas de natação, ciclismo e corrida rústica¹¹².

Além disso, organizou, em 1960, uma prova que se tornou reconhecida à época, a Travessia Restinga-Sepetiba. Segundo os jornais, seriam aproximadamente 6 horas para cumprir a nado os 19 quilômetros, um percurso marcado por muitas correntezas¹¹³.

Outra prova semelhante que teve sucesso foi a Travessia da Baía de Sepetiba, com um percurso de pouco mais de sete quilômetros. A segunda edição, realizada em 1961, tornou-se muito notória na cidade. Dos 60 participantes, 36 cumpriram o trajeto, sagrando-se vencedor Ivan Pinheiro Paes Leme, representante do Bangu Atlético Clube. Entre as mulheres, da mesma agremiação, venceu Neli Gomes da Silva, que chegou em 8º na classificação geral¹¹⁴.

Essa prova foi denominada Carlos Lacerda em homenagem ao governador do recém constituído Estado da Guanabara¹¹⁵. Há que se ter em conta que, com essa mudança, a região do antigo Distrito de Santa Cruz passou a ser concebida como local para instalação de indústrias de grande porte. Esse processo, que tem como uma das marcas a construção do Porto

¹¹¹ Correio da Manhã, 13 fev. 1964, p. 6.

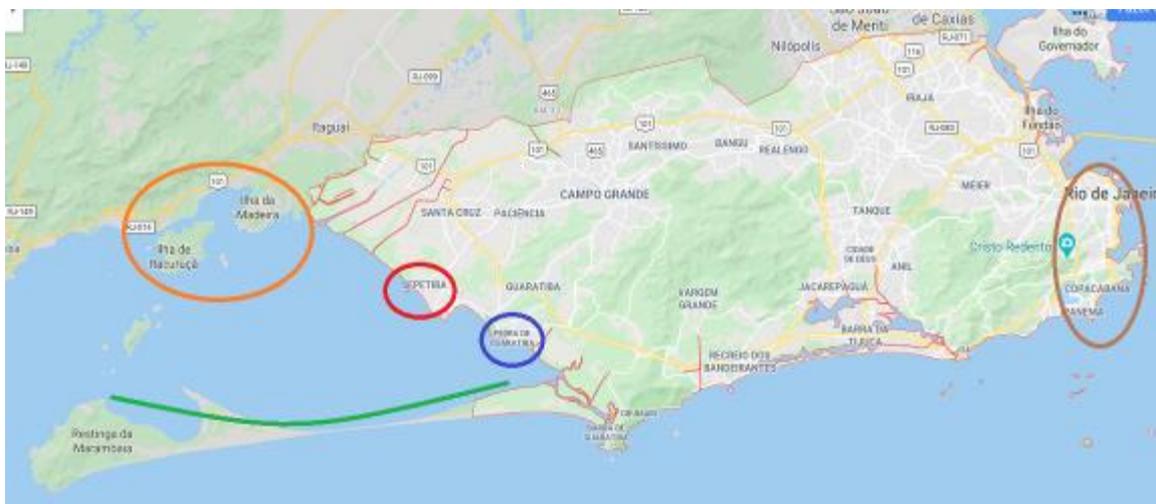
¹¹² Ver, por exemplo: EM FESTA, hoje, o Sepetiba Iate. Diário de Notícias, 25 jun. 1960, p. 5.

¹¹³ ESPORTES amadoristas. O Jornal, 21 fev. 1960, p. 13. Na página Antigo Sepetiba há um exemplar de diploma concedido aos participantes. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AntigoSepetiba/photos/a.143108832536479/146945025486193/?type=3&theater>>.

¹¹⁴ NADADOR do Bangu vencedor da Travessia de Sepetiba. Jornal dos Sports, 21 fev. 1961, p. 9.

¹¹⁵ PROMOÇÃO. Tribuna da Imprensa, 22 fev. 1961, p. 3.

de Sepetiba/Porto de Itaguaí (décadas de 1970/1980), foi um dos principais responsáveis pela deterioração das condições ambientais da região¹¹⁶.



Nessa imagem do Google Maps se pode ter uma ideia da distância entre a Restinga (marcada em verde) e Sepetiba (destacado em vermelho). Guaratiba está identificada em azul. Em laranja, a região da Costa Verde onde houve outras agremiações náuticas (veremos adiante). Em marrom, a zona centro e sul do Rio de Janeiro.

O bairro ainda acolheu, durante alguns anos, outra travessia, a Pedra de Guaratiba-Praia de Sepetiba, em 1965 denominada Prova do IV Centenário em homenagem a efeméride do Rio de Janeiro¹¹⁷. Eram cinco quilômetros de percurso. A competição usualmente contou com nadadores de diversos bairros, inclusive de clubes famosos na cidade, ainda que majoritariamente gente da Zona Oeste.

Nessas travessias, as praias e o mar adquiriam um caráter muito festivo, apinhadas de gente a acompanhar a prova das areias ou de barcos. Contribuía com o frenesi da ocasião a grande equipe que visava dar segurança e lisura à competição: embarcações do grupo de Salvamento, da Aeronáutica, da Colônia de Pescadores e de associados e diretores da agremiação promotora¹¹⁸.

Quem promoveu as últimas travessias citadas não foi o Sepetiba Iate Clube, mas sim uma nova agremiação, fundada em 1960: o Clube Náutico de Santa Cruz¹¹⁹. Já no seu primeiro ano de funcionamento, mostrou-se muito ativo tanto na parte esportiva quanto na social. Durante alguns anos, sua sede foi, por exemplo, no bairro, o único polo de vacinação contra a paralisia infantil¹²⁰.

¹¹⁶ Para um debate sobre esse processo: PACS (2015).

¹¹⁷ PAULINHO quase sem dormir nadou muito. *Jornal dos Sports*, 23 mar. 1965, p. 9.

¹¹⁸ RESENHA amadorista. *Correio da Manhã*, 17 mar. 1965, p. 9.

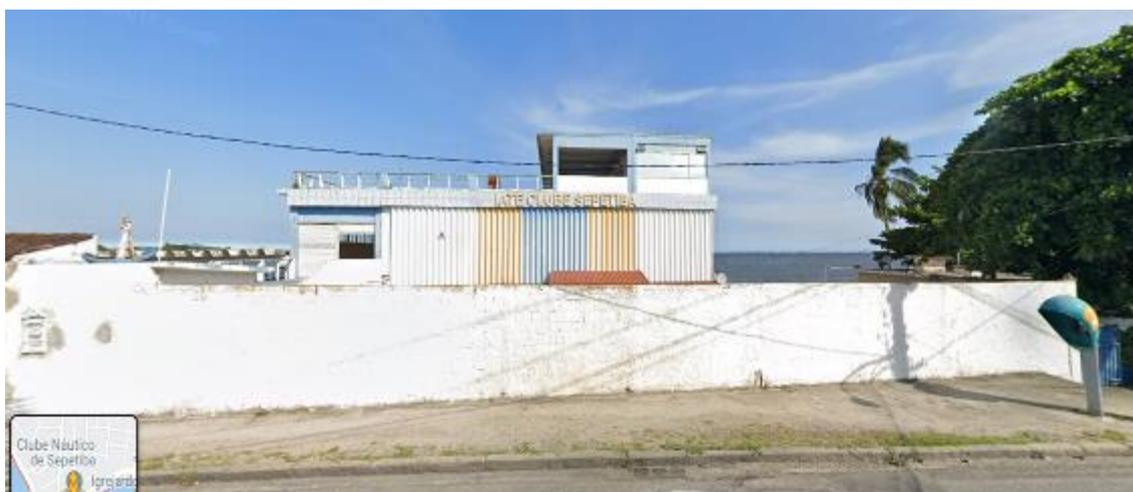
¹¹⁹ *Diário de Notícias*, 16 set. 1960, p. 6.

¹²⁰ Ver, por exemplo: POSTOS de vacinação contra a paralisia. *Tribuna da Imprensa*, 29 dez. 1961, p. 6.



Festa junina promovida pelo Clube Náutico de Santa Cruz.
Diário Carioca, 30 jun. 1960, p. 12.

O clube sempre esteve instalado na Praia do Recôncavo. Em 1965, fez um grande investimento e construiu uma bela sede na fronteira com a Praia de Sepetiba, um lugar que marcou a memória do bairro e segue existindo até os dias de hoje, ainda que inativo. Àquela altura, presidia a agremiação Sebastião Cammarosano¹²¹, médico reconhecido, diretor da Clínica de Repouso Santa Edwiges¹²².



Visão atual da sede do Clube Náutico.
Google Maps.

¹²¹ BASTIDORES. Última Hora, 23 fev. 1965, p. 8.

¹²² A Clínica fazia uma referência à igreja de Santa Edwiges, localizada na Praia de Dona Luiza, mais uma evidência de uma certa autonomização daquela região do bairro.

Perceba-se o letreiro da sede na imagem anterior: está escrito Iate Clube Sepetiba. Em algum momento, na década de 1980, a agremiação mudou sua denominação para Clube Náutico Sepetiba¹²³. Em 1984, em função de uma situação desagradável, o na época chamado de Caso Constantino, a sociedade aparece no jornal com três nomes: o original, o segundo e o que está estampado na sede. Não conseguimos saber os motivos dessa diferença.

Nos anos 1960, seguindo a tradição do bairro, os salões do Náutico Santa Cruz também sediaram muitos bailes, inclusive carnavalescos. A essa altura, Sepetiba já era muito famosa na cidade pelos seus eventos momescos. Um exemplo interessante. Numa edição de fevereiro de 1961 do Diário Carioca, uma coluna divulgou e elogiou as festas do Futebol e Regatas, do Iate Clube e do Recôncavo¹²⁴. Havia mesmo uma disputa entre os clubes para conquistar a preferência do público e ser considerado o mais animado.

Sepetiba ainda parecia para muitos um paraíso, sendo as festas de carnaval, de alguma forma, uma decorrência dessa representação, ainda que também ferissem a ideia de que se tratava de um lugar bucólico. Nos dias momescos, suas ruas eram tomadas por uma turba de gente disposta a se divertir de maneira bastante estridente. Entre a placidez e o caos – naqueles anos 1960, certamente não se imaginava que esse seria o drama que estava por atingir o bairro.

Lá se foram os bons tempos de infância

Não frequentei o Sepetiba Futebol e Regatas, a despeito da proximidade de minha família com a agremiação, bem como da sede com nossa casa. Minha impressão é que no meu tempo já estava menos ativa, ainda que seguisse existindo.

No Recôncavo, passei pela frente, mas nunca cheguei também a frequentar. Algo parecia funcionar, pelo menos assim ficou registrado na memória, certamente um movimento bem menor do que houvera no passado. Do Sepetiba Iate Clube, nada soube antes deste estudo. Já no Clube Náutico, tive algumas experiências marcantes.

Já falei da tia Fernanda. Quando jovem, era amiga de uma prima de minha mãe, Marisa, cujas filhas, Alessandra e Cláudia, foram minhas amigas na adolescência. Minha mãe e tia Fernanda se tornaram amigas e acabaram casadas com colegas da região, meu pai João, de Campo Grande, e o tio Maia, de Santa Cruz, ambos depois sargentos da Aeronáutica. Meu pai serviu na Base Aérea de Santa Cruz

As famílias sempre foram muito próximas. Lembro com muita saudade de tantas coisas bacanas que vivi na casa deles na Sulacap, tempos incríveis que desfrutei com os filhos do casal, meus primos Simone e Rogério. Com eles, compartilhei várias experiências de infância e adolescência, algumas poucas delas em Sepetiba.

¹²³ A Luta Democrática, 23 ago. 1983, p. 6.

¹²⁴ Foliões brincaram sob luz de vela: Sepetiba. Diário Carioca, 18 fev. 1961, p. 7.

Os avós deles, José e Francisca, moravam no bairro, quase na fronteira entre a Praia de Sepetiba e a Praia de Dona Luiza. Era uma família de portugueses que chegou ao Brasil nos anos 1940 ou 1950, aproveitando a rede de contatos entre os lusitanos. Gente que trabalhou pesado para ter uma condição digna de vida.

Nos anos 1980, passei com eles alguns finais de semana em Sepetiba. Por vezes, havia bailes no Náutico. Eram tempos do Rock Brasil. Os subúrbios e seus clubes já estavam mudados, um processo que começara nos anos 1970. O avanço tecnológico e a perda de poder de consumo da classe média induziram à troca do anterior formato de eventos, nos quais conjuntos musicais eram contratados para animar as festas, por outro no qual equipes de som ficavam responsáveis pela agitação. Isso foi uma das chaves do surgimento do movimento Black Rio, quando alguns jovens negros se conectaram com a musicalidade e bandeiras de lutas que vinham do cenário norte-americano.

No início da adolescência, ainda vivi as “festas americanas”: meninos levavam a bebida (loucas e generosas porções de refrigerante), meninas os petiscos. A música era responsabilidade de todos, que contribuíam com seus LPs. Durante algum tempo, não havia debates: bastava pôr o álbum Thriller, do Michael Jackson, e dançávamos todas as músicas, inclusive no inefável momento para as danças lentas, casais juntinhos tentando extravasar e conter as primeiras manifestações da puberdade.

Mais velho, vivi o tempo das discotecas, desdobramento dos movimentos de *dance music* que marcaram a transição dos anos 1970 e 1980. Na maior parte dos casos, era um *disc jockey* que tocava o tempo todo. Mas nos subúrbios havia um curioso formato: anunciava-se a presença de algum artista famoso para abrilhantar a ocasião.

Eles demoravam a chegar, pois faziam um verdadeiro périplo pela região, se apresentando em vários clubes. Todo mundo ficava esperando, meio ansioso, meio impaciente, dançando e bebendo, conversando e flertando. Era um delírio quando o artista convidado chegava ao baile!

A apresentação não demorava mais do que algumas poucas músicas, sempre em *playback*. Não importava, era legal ver o cantor ou cantora que tanto se ouvia nas rádios (à época, nos dividíamos entre a Fluminense FM, a Maldita, e a Rádio Cidade). Só alguns anos mais tarde, quando me tornei *habitué* do inesquecível Circo Voador, minha casa de show preferida até hoje, se tornou mais plausível ver uma exibição ao vivo com banda.

No Náutico, com Simone e Rogério, e uma amiga em comum chamada Valéria, lembro de ter assistido a um show do Léo Jaime em seu momento de maior sucesso. Casa lotada. Gostava do clube, achava um clubão! Tinha um certo ar aristocrático, ainda que descolado e já meio decadente. Era linda sua localização à beira mar.

Já não frequentava as praias locais, mas Sepetiba ainda tinha um ar muito bucólico. Ainda era meu paraíso, embora já não mais como nos tempos da infância. Mas, nas brumas da memória, em muitas ocasiões, essas tendem mesmo a parecer as melhores situações, ainda mais com as “romanceadas” que vamos dando no decorrer dos anos para atenuar as marcas das dificuldades vividas e exaltar as coisas que deixaram sensações positivas.

Sepetiba, haja o que houver, jamais deixará de ser o que mais próximo foi de um paraíso na minha vida.

Do paraíso ao caos

Da mesma forma que em Sepetiba, nos anos 1950 e 1960, em outros bairros e cidades da Baía foram criadas agremiações, inclusive algumas náuticas. Esse fluxo de associativismo tem relação com um momento de maior desenvolvimento dos subúrbios e maior repercussão das ações das lideranças locais. Como bem sugerem Fraga e Santos (2015, p. 15):

A composição social dos subúrbios (ocupado majoritariamente por setores populares) não se modificou. Porém, como os setores populares espalharam-se por toda cidade pela disseminação de favelas, minimizou-se, por certo tempo, o contraste social entre subúrbios, centro e zona sul (ABREU, 1987). Esse quadro, aliado a um período de grande prosperidade comercial e industrial de algumas regiões suburbanas, intensificou nessas duas décadas a crença das camadas médias de que, finalmente, a hora e a vez dos subúrbios haviam chegado (FERNANDEZ, 1996).

De Sepetiba, falta falar de uma importante agremiação, o Grêmio Excursionista Unidos, mais conhecido por sua sigla GEU, fundado em outubro de 1959, com sede inicial na Rua Pedro Leitão e definitiva na Rua Benjamin Rosa¹²⁵, logradouro que, provavelmente, homenageava o pai de um dos dirigentes da sociedade, o já citado Alcebiades Rosa¹²⁶. Entre seus diretores, no decorrer do tempo, encontramos os nomes de Claudio dos Santos Leal, vice-presidente, e Aldinéia da Costa, diretora do departamento feminino, ambos em 1964.

No que tange à prática do excursionismo, bem como de esportes náuticos, vale registrar a criação, em 1957, do 77º Grupo de Escoteiros Lopes Trovão, iniciativa que, de alguma maneira, contribuiu com a dinâmica social do bairro¹²⁷. Não foi o pioneiro núcleo de Sepetiba. Na década de 1920, existiu o 15º Grupo de Escoteiros do Mar¹²⁸.

¹²⁵ Encontrei o nome dessa rua numa fonte jornalística, mas não nos mapas.

¹²⁶ SEPETIBA tem clube “lagartixa” unidos. O Jornal, 24 abr. 1960, p. 4. Benjamin Rosa foi também uma liderança muito respeitada no bairro. Minha mãe lembra dele com enorme carinho, recordando de histórias de quando era criança. Ela frequentou as atividades do GEU, se recorda bem da sede. Lembra de ter ido com meu pai numa excursão a Petrópolis.

¹²⁷ RECONHECIDOS novo grupos cariocas. Correio da Manhã, 2 abr. 1958, p. 2.

¹²⁸ NOTICIÁRIO. O Tico-Tico, 1 mar. 1925, p. 15. Segundo informação de André Torricelli, pesquisador do Centro Cultural do Movimento Escoteiro, na década de 1920 foram criados grupos ligados às Colônias de Pescadores, muitos contando com a intervenção direta de Benjamin Sodré, um dos criadores e líderes do movimento.



Praia de Sepetiba, 1968.

Autor: Pedro Pinchas Geiger; Tibor Jablonsky.

Acervo: IBGE.

Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=439923>>.

É bem indicador das peculiaridades de Sepetiba, a criação de uma sociedade dedicada ao excursionismo nos anos 1960, quando já passara o grande momento de fundação de clubes dessa natureza¹²⁹. Como já observado, o fluxo de desenvolvimento esportivo do bairro é bem distinto, posterior e reduzido se comparado com o restante da cidade.

A despeito de seu caráter diferenciado, o GEU também promoveu muitas atividades sociais e eventos momescos¹³⁰, integrando o conjunto de realizações das agremiações sepetibanas. Sua rainha do carnaval comandava um séquito que desfilava pelas ruas de Sepetiba e bairros próximos¹³¹.

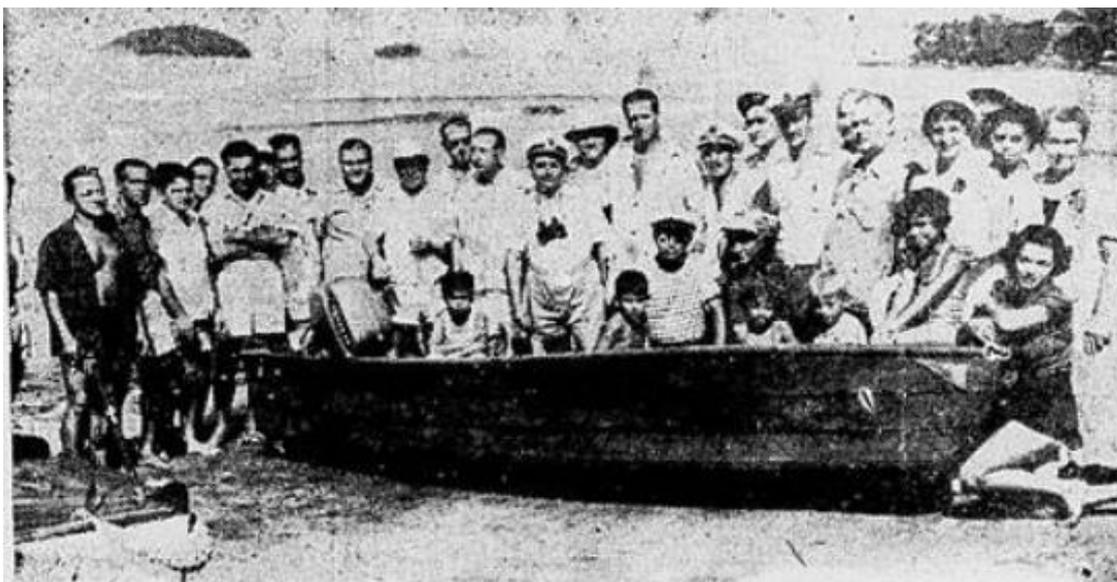
Entre as agremiações náuticas da Baía de Sepetiba, podemos citar o Muriqui Iate Clube, contemporâneo do Sepetiba Iate Clube. Foi fundado em 1948, contando com grande apoio político, inserido num projeto do governador do Estado do Rio de Janeiro, Edmundo Macedo Soares, de valorizar aquele balneário¹³².

¹²⁹ Para mais informações, ver Dias (2008) e Dias e Maia (2013).

¹³⁰ Ver, por exemplo: ROTEIRO da folia. Última Hora, 25 jan. 1964, p. 4.

¹³¹ GRANDES preparativos para a fuzarca. A Luta Democrática, 23 jan. 1964, p. 4.

¹³² O GOVERNO fluminense prestigiando a futura cidade balneária de Muriqui. Carioca, 2 dez. 1948, p. 10/11.



Associados do Muriqui Iate Clube e do Iate Clube Itacuruçá.
Diário de Notícias, 27 abr. 1950, p. 1.

A imagem anterior é um instantâneo de uma confraternização promovida entre o Muriqui Iate Clube e o Iate Clube Itacuruçá, fundado antes mesmo do Sepetiba Iate Clube, em 1945¹³³. Essa agremiação teve uma vida muito ativa, organizando, inclusive, animados eventos esportivos nos quais havia provas de natação, atletismo, ciclismo, remo, mergulho, motonáutica¹³⁴. Segue em pleno funcionamento.



Sede do Iate Clube de Itacurussá.
Diário da Noite, 28 mai. 1948, p. 14.

¹³³ A Manhã, 28 jun. 1945, p. 9; IATE Clube de Itacurussá. A Noite, 15 mar. 1946, p. 7.

¹³⁴ Ver, por exemplo: IATE Clube de Itacurussá. A Manhã, 2 ago. 1950, p. 11.

O Iate Clube de Coroa Grande foi fundado, em 1957, com grande envolvimento de importantes personagens de Itaguaí e apoio do prefeito José Moraes Dias, que via na agremiação uma estratégia para potencializar o turismo na região¹³⁵. Deve-se citar ainda o Ibicuí Iate Clube, criado em 1959, e o Iate Clube Ilha da Madeira, fundado aparentemente em 1966.

Para encerrar essa exposição sobre o crescimento do número de agremiações, nos anos 1950 e 1960, há que se citar ainda o Guaratiba Iate Clube, localizado no Distrito ao lado de Sepetiba. Fundado em 1952, com sede na Ponta Grossa (Pedra de Guaratiba)¹³⁶, foi mais uma a movimentar a vida social local.



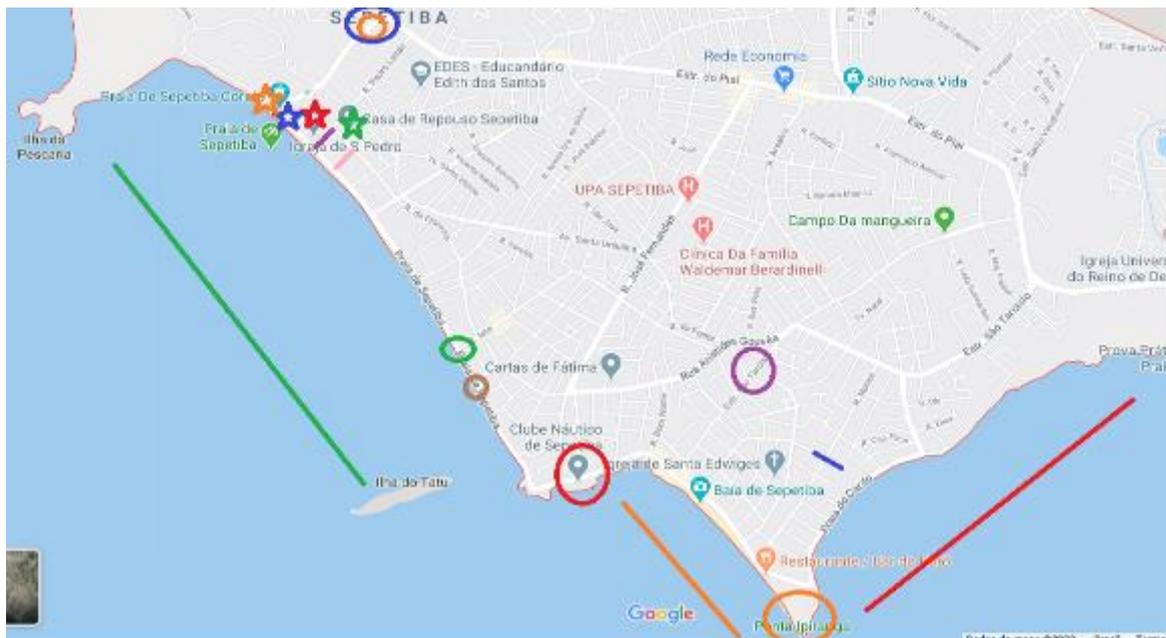
Associados do Guaratiba Iate Clube.
Diário Carioca, 5 jun. 1952, p. 10.

Todas essas agremiações tinham um funcionamento semelhante. Mesmo mantendo alguma movimentação esportiva, não chegaram a se inserir profundamente nas iniciativas das entidades do campo que já estava muito estruturado no Rio de Janeiro. Sua principal vocação era natureza social, na qual se destacavam as festas carnavalescas.

Essas sociedades, na verdade, consagraram uma vocação do lugar: uma região marcada por intenso turismo, sustentado na construção de uma representação bucólica, pitoresca, paradisíaca. Até mesmo por isso, eram procuradas por muitos veranistas e excursionistas. Isso, obviamente, não significou ausência de inserção local. Em muitas ocasiões, assumiram mesmo um papel de liderança e articulação política.

¹³⁵ AS OBRAS do Iate Clube de Coroa Grande. A Luta Democrática, 28 abr. 1957, p. 11.

¹³⁶ Diário Oficial, Rio de Janeiro, 4 set. 1952, p. 55.



Google Maps/Localização dos clubes de Sepetiba

Linha Vermelho – Praia do Cardo/Praia da Brisa

Linha Azul – Rua Léa Maria, sede do Iate Clube Ponta do Ipiranga/o Clube Olímpico de Sepetiba se localizava nessa região do bairro

Círculo Laranja – Ponta do Ipiranga

Linha Laranja – Praia de Dona Luiza/Recôncavo

Círculo Lilás – Sede do Clube Náutico Recôncavo

Círculo Vermelho – Sede do Clube Náutico de Santa Cruz, depois Clube Náutico de Sepetiba e Iate Clube Sepetiba

Linha Verde – Praia de Sepetiba

Círculo Marrom – Rua Praia de Sepetiba, onde havia o Cinema Yara

Círculo Verde – Rua Iate, Sede do Sepetiba Iate Clube

Linha Rosa – Travessa da Floresta, sede do Flor do Lodo

Estrela Verde – esquina de Rua Pedro Leitão com Rua da Floresta – casa da minha família

Linha Lilás – Rua Pedro Leitão, onde havia o Cinema Sepetiba

Estrela Vermelha – Esquina de Rua da Floresta com Rua Presidente Nobre – primeira sede do Sepetiba Futebol Clube/ Esquina de Rua da Floresta com Rua dos Pescadores – sede do Sepetiba Futebol e Regatas

Estrela Azul – Praça Washington Luís – segunda sede do Sepetiba Futebol Clube

Estrela Laranja – Esquina de Estrada de Sepetiba com Rua Praia de Sepetiba – campo de futebol do Sepetiba Futebol e Regatas

Círculo Azul – sede do Grêmio Excursionista Unidos

A euforia do subúrbio ia paulatinamente se reduzir no decorrer dos anos 1970 e 1980 em função de novo deslocamento de moradores, crescimento da pobreza, desorganização da economia do Rio de Janeiro. As condições de urbanidade iriam se deteriorar, a população se expandir de forma desordenada, a violência aumentar, uma nova gentrificação se observar.

As referências às praias de Sepetiba já não eram tão elogiosas quanto no passado. Numa matéria sobre os riscos do litoral do Rio de Janeiro, um cronista inferiu: “praia do Cardo, em Sepetiba, onde as garotadas da Zona

Norte também enfrentam o maior perigo do verão: águas poluídas”¹³⁷. Bem chama a atenção Mello (2015, p. 90): “Sepetiba e Pedra de Guaratiba já eram consideradas como áreas decadentes, com pesca rudimentar e turismo desorganizado, nos primeiros anos da década de 1970”.



Praia do Cardo.
Manchete, 29 jan. 1972, p. 119.

Sepetiba passou a ser mais noticiado por outros motivos: o progresso, o porto, as indústrias, o que ao final seria responsável por sua degradação¹³⁸. Enquanto o lugar foi encarado como estratégico para a defesa nacional, manteve-se preservado, mesmo que tenha crescido o número de veranistas sem que tenha sido instalada uma estrutura adequada para os acolher. Com a mudança da capital para Brasília e a reconfiguração da região, o processo de agressão foi desenfreado.

Além disso, as praias da Barra da Tijuca e do Recreio progressivamente se tornaram as mais valorizadas do subúrbio. Há que se ter em conta que o litoral da Baía de Guanabara, outrora muito utilizado, também já dava sinais claros de decadência. Mais ainda, como vimos, a Região dos Lagos foi tornando-se a preferida para veraneio.

Nos anos 1970, houve ainda algum impacto positivo na estrutura de entretenimentos da região em função de sua consideração como zona turística adequada à prática de certos esportes (MELLO, 2015). Na década de 1980, todavia, percebem-se claramente os impactos dos problemas locais nas iniciativas agremiativas. Como bem identifica Vaz (2019):

Esse período de potência cultural por diversos motivos começou a decair a partir da década de 1960, mas reverberou ainda por pouco mais de duas décadas, entrando nos anos

¹³⁷ EM CADA praia, o carioca encontra um perigo diferente. Manchete, 29 jan. 1972, p. 119.

¹³⁸ Para um debate sobre a degradação da Baía de Sepetiba, ver Mello (2015).

1980, onde o esvaziamento da agenda cultural desta parte da cidade passou a ser percebido ostensivamente no silêncio das ruas suburbanas sem os seus festejos carnavalescos e juninos, no fechamento de seus clubes sociais e seus cinemas (muitos transformados em Igrejas Evangélicas). Nesse período a vida cultural comunitária da região aqui estudada passou a receber forte impacto de uma nova centralidade político-administrativa. Isso acontece junto da perda da capitalidade, da periferização dos subúrbios e da movimentação geopolítica mundial que agravaram o processo de dualização de cidades, especialmente na América Latina (p. 46).

Na década de 1970, as agremiações de Sepetiba ainda mantiveram algo de seu funcionamento anterior, sem a mesma intensidade e glamour. Somente três clubes estavam ativos: o Recôncavo, o Sepetiba Futebol e Regatas e o Náutico de Santa Cruz. O Sepetiba Iate parece não ter ultrapassado a década de 1960.

Em 1964, uma nota deu conta que passava por dificuldades e tentava se reerguer¹³⁹. A última referência que obtivemos nos jornais é de 1968, uma pequena matéria em que se informava que Pedro Araújo era o novo presidente, bem como que a sede mudara para a Rua Iate 159¹⁴⁰. Aparentemente, não durou muito mais a sociedade.

Nos anos 1970, o carnaval continuou sendo a ocasião que maior repercussão pública dava as agremiações de Sepetiba. Bailes diversos, também. Muitas festas. Da mesma forma, alguns clubes de outras localidades, mesmo que em menor número, continuavam para o bairro se deslocando para um dia de excursão.



Foto de um baile pré-carnavalesco realizado no Recôncavo.
O Fluminense, 12 jan. 1979, p. 37.

¹³⁹ VAI ressurgir o Sepetiba Iate. O Globo, 18 set. 1964, p. 16.

¹⁴⁰ CLUBES e samba. Correio da Manhã, 24 jan. 1968, p. 4.

Eventualmente, havia eventos esportivos, seara na qual se destacava mais o Recôncavo, especialmente no basquetebol e no futebol de salão¹⁴¹. Esse clube também recebeu muitos artistas famosos, oferecendo ao bairro acesso a ídolos populares como Sidney Magal, Agepê, The Fevers, entre outros.

Nos anos 1980, as agremiações acusaram as mudanças dos tempos. Sentiram os impactos ocasionados pela nova vocação econômica da região. As praias pitorescas, bucólicas, paradisíacas foram literalmente destruídas pela ambição do progresso. Isso atingiu exatamente as duas principais atividades de uma cadeia econômica que nunca foi muito intensa: turismo e pesca.

O Recôncavo e o Sepetiba ainda anunciaram projetos de novas sedes. O Náutico, como vimos, mudou de nome. Mas os bons tempos tinham passado e com eles foi a vitalidade dessas agremiações cujas atividades deixaram marcas na memória e na história locais.

Afinal, que bagunça é essa?

Este artigo é um dos resultados de um projeto de pesquisa sobre o esporte nos subúrbios cariocas desenvolvido em conjunto com os colegas Nei Jorge Santos Junior e Bruno Adriano Rodrigues da Silva. De todas as investigações que me envolvi na minha já não tão breve trajetória profissional, cerca de 30 anos, essa talvez seja a que tenha mais me mobilizado emocionalmente.

Entende-se. É grande minha proximidade com o tema: dos meus 48 anos, 25 foram vividos nos subúrbios do Rio de Janeiro, 13 morando em Senador Camará (no Bairro Jabour), 12 no Méier. Transitei muito pela região.

Minha família é de Sepetiba. A casa de umbanda que frequentei era na Pedra. Tenho muitos tios e primos em Campo Grande, onde estudei no Sarah Kubistchek. Fui muito a Bangu, Padre Miguel e Madureira. Tive muitas vivências em Realengo, Vila Militar, Deodoro, Magalhães Bastos, Marechal Hermes, Anchieta, Cascadura, Vila Valqueire, Mallet, Sulacap. Familiares por parte de pai me levaram à Penha, Olaria, Ramos, Ilha do Governador. Durante três anos, vivendo em Senador Camará, estudava na Tijuca. Em dois desses, o transporte era de Kombi. Em um deles, foi de trem. Tenho decoradas até hoje as estações da Central.

Morando no Méier, conheci a região ao redor: Engenho Novo, Maria da Graça, Cachambi, Engenho de Dentro. Estudei na Piedade. Trabalhei em Irajá, e frequentei Acari, Fazenda Botafogo, Guadalupe. De Jacarepaguá, conheci pouco, Freguesia, Praça Seca.

Depois me mudei para a Tijuca, Botafogo e Catete, onde moro até hoje (bairro que brinco dizendo ser o subúrbio da Zona Sul). Mas a memória daqueles anos nunca saiu de mim: diz-se que é mais fácil sair do subúrbio do que o subúrbio sair de você. Talvez nunca tenha me integrado

¹⁴¹ Ver, por exemplo, evento promovido para inaugurar uma nova quadra de basquetebol: BOLA social. Jornal dos Sports, 31 mai. 1975, p. 2.

plenamente ao novo meio, tanto assim que prefiro o Centro à Copacabana, Ipanema e Leblon, bairros nos quais raramente vou.

Portanto, ao me dedicar às investigações sobre o subúrbio, não raramente cenas vêm a minha cabeça, e não poucas vezes tenho que controlar a variável do envolvimento emocional que seguramente é marcado por certo (ou muito) saudosismo.

Em algum momento, isso não poderia ser plenamente contido. Achei por bem deixar aflorar no estudo sobre Sepetiba, minha terra mítica, origem de minha família, local sobre o qual minhas memórias seriam mais derramadas e ainda menos isentas.

Este, contudo, não é somente um exercício de memória, nem um estudo sobre a memória. Achei interessante buscar um caminho em que se cruzassem uma pesquisa histórica exaustiva, a mais rigorosa possível, com uma locução de memória explícita, depoimentos de uma experiência, por vezes mantendo e por vezes não a fronteira entre as duas perspectivas.

Houve uma curiosa coincidência. Escrevi este artigo/ensaio em plena crise do coronavírus, em quarentena. Achei por bem convidar (convocar) minha mãe para ficar na minha casa. Aos 75 anos, depois de uma vida de trabalho, temia que ela fosse daquelas que não ficaria presa em seu apartamento. Tê-la comigo, embora fosse um desafio para ambos, que aprenderam a viver sós, era uma decisão sensata.

Há décadas não passávamos tanto tempo juntos. Quando comecei a perguntar a ela sobre ocorrências que lembrava ou desvendava nas fontes, um mundo foi se descortinando. Deu-me várias indicações, apontou coisas que não tinha visto nas consultas. Corrigiu caminhos, alguns dos quais me levaram a outras buscas que foram mais bem-sucedidas. Para além de tudo, foi extremamente divertido ler os nomes que encontrava e ouvir os seus comentários.

Ao mesmo tempo, descobri um monte de coisa sobre a vida dela, coisas que não sabia porque nunca tinha perguntado. E ela aprendeu um pouco mais sobre meu trabalho. Foi um exercício lindo em que se cruzaram as dimensões acadêmicas e pessoais.

Eu queria estudar Sepetiba por o considerar importante na história do subúrbio e da cidade, mas desejava também fazer isso porque é importante na minha história de vida. Um projeto sem o bairro não teria sentido pela proposta acadêmica, mas também pelo que significava em minha trajetória.

Obviamente, é bom deixar claro, a ideia de “paraíso” trabalhada é representacional, imagens construídas observáveis nas fontes consultadas. Nas minhas memórias, bem como nas de minha mãe, Sepetiba também é assim representado. Mas a vida vai bem além disso.



Praia de Sepetiba.
Foto de Raul dos Santos Carvalho Junior.
Revista da Semana, 13 mai. 1939, p. 30.

Pelos jornais, percebem-se as diversas agruras que acometeram o bairro: deficiente acesso a escolas, saneamento, distribuição de água, transporte, policiamento; problemas de saúde pública; agressões aos moradores mais antigos por grileiros, veranistas e mais recentemente pelo mais perigoso de todos, engravatados das indústrias de grande porte que destroem o local com o beneplácito de poderes públicos coniventes.

No decorrer do tempo, é flagrante a constante falta de apoio àquela que foi uma das principais vocações da região, a pesca artesanal. Merece um registro especial a trajetória desses personagens centrais na história do bairro. Requer maior atenção e respeito as memórias dos pescadores.



O Director da Pesca e Saneamento do Littoral, capitão de fragata Frederico Villar, visita a prospera Colonia de Pescadores Z-20, de Sepetiba, no Districto Federal

Imagem da colônia de pescadores de Sepetiba.
A Voz do Mar, 19 jun. 1924, p. 27.

Muita gente teve que lidar com múltiplas dificuldades, algumas das quais atingiram também meus familiares. Mas para o povo de Sepetiba, bem como para minha família, houve momentos de encantamento e felicidade: era uma parte dessa experiência cotidiana que me interessava discutir. O bairro foi fartamente representado com duas imagens contraditórias: a maravilha do paraíso e o caos do abandono. No meio disso, houve agremiações esportivas que se constituíram em uma importante expressão da dinâmica social.

No que tange à pesquisa histórica, os limites foram grandes. Não havia, sobre Sepetiba, nem muitos estudos nem tantas fontes quanto desejava, ainda menos sobre as agremiações investigadas. Creio, contudo, ter sido possível abordar a peculiaridade de um bairro que se forjou nas franjas da cidade, no limite entre o urbano e o rural, cuja representação mais categórica foi a ideia de pitoresco.



Brasão de Sepetiba (criação de Alcebiades Francisco da Rosa)¹⁴².

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/CamaraComunitariaDeSepetibaRj/photos/a.320278458104191/346447138820656/?type=1&theater>>.

Em Sepetiba, com em outros bairros, as iniciativas esportivas também foram entendidas como uma forma de adesão aos ideais de modernidade, relacionada ao trânsito de noções de civilização e progresso. Todavia, conformaram uma experiência peculiar dadas especificidades locais – baixo número de habitantes, pouca estratificação social, reduzido desenvolvimento

¹⁴² A cor vermelha representaria a luta contra grileiros, a verde é uma referência aos sapezais que inspiraram a denominação do bairro (Sepetiba é corruptela de um termo em tupi que significa “muito sapê”, vegetal também presente no brasão). As cinco torres são uma alusão ao Rio de Janeiro; o cocar e as flechas lembram os primeiros habitantes da região, os tamoios; a cruz, os jesuítas da Fazenda de Santa Cruz; os golfinhos indicam o fato de ser um bairro marítimo; o navio, a antiga condição de porto (Projeto de lei nº 930/2018/Câmara de Vereadores). Há em vídeo uma cerimônia de hasteamento da bandeira: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vw3b4i2WclE>>. Rosa também compôs o Hino de Sepetiba. Ver: <<https://www.youtube.com/watch?v=YI5ou0IjTyA>>.

econômico, distância e difícil alcance, bem como presença de muitos veranistas.

Tratou-se de uma experiência esportiva, sim, mas pouco articulada com as entidades do campo já bem estruturado no Rio de Janeiro, mais ligada à ideia de sociabilização do que de participação em competições e filiação a ligas. Ainda assim, como em outros bairros do subúrbio, essas iniciativas, para além de seu caráter de divertimento, também foram mobilizadas como estratégias para combater os estigmas acerca da zona suburbana, usuais desde sua maior ocupação¹⁴³. Ao seu redor, se forjaram discursos de valorização do local.

A diferença é que a busca de valorização de Sepetiba se deu por parâmetros distintos daqueles que marcaram outras regiões da zona suburbana: a ideia de civilização, do ponto de vista representacional, tinha limites, afinal um paraíso não pode aderir linearmente a projetos de urbanização. O bairro era encarado como um refúgio. O reverso da modernidade que integra a ideia de modernidade.

Nesse sentido, as iniciativas esportivas também marcaram as diferenças sociais locais, conformaram lideranças reconhecidas, geraram experiências marcantes. O debate girava em torno dos ajustes necessários para conformar uma vocação para o bairro, dialogando e enfatizando, com limites e tensões, certas representações correntes sobre Sepetiba.

Há muitos anos, pretendia escrever um artigo assim, desde pelo menos quando tomei conhecimento e discuti, junto com os membros do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer, a obra “The Field: Truth and Fiction in Sport History”, de Douglas Booth. Ele esteve conosco durante uma semana, na qual ministrou um curso sobre o livro. Foi uma ocasião magnífica. Um lindo momento acadêmico que semeou as bases de uma relação que mantemos até os dias de hoje.

Ao apresentar seu olhar sobre a história do esporte construído no diálogo com Alun Muslow, nos demonstrou como as pesquisas ainda transitam fortemente entre as abordagens construcionistas e reconstrucionistas, mas pouco aceitavam as provocações desconstrucionistas, não dialogavam com as possibilidades abertas pelas abordagens pós-modernas. Na ocasião, de imediato, me afastei dessa alternativa. Mas nunca a neguei de todo. Desejava ao menos fazer um experimento.

O estudo sobre Sepetiba, pelos motivos expostos, pareceu-me uma ocasião interessante para, finalmente, experimentar uma abordagem metodológica distinta. Não tenho a pretensão de que seja uma grande inovação, mas sim que sirva para pensarmos as experiências dos subúrbios ao ver como impactaram vários indivíduos, inclusive eu e minha mãe/minha família.

Este estudo é experimental em vários sentidos: na dinâmica metodológica, no tamanho, no intenso uso de fotos, na forma de argumentação e construção do texto, no diálogo com os colegas na avaliação. Isso somente foi possível graças à aprovação dos editores da Recorde, aos quais também agradeço efusivamente. A pergunta que se impõe é: não seria

¹⁴³ Para um debate sobre o processo de estigmatização do subúrbio, ver Fernandes (1995).

possível testarmos alternativas para a veiculação de conhecimento em nossos periódicos científicos?

Por fim, gostaria que se percebesse que há neste artigo uma intenção transversal na qual se cruzam os interesses pessoal e acadêmico. Trata-se de por minha família na história, reivindicar o reconhecimento de meus antepassados, a seu modo e com seus limites, em alguma medida, como agentes, partícipes, também protagonistas dos acontecimentos sociais.

Sepetiba merece atenção por suas peculiaridades, pela possibilidade de ampliarmos nossos olhares para o subúrbio, mas também porque foi palco de experiências fascinantes – extraordinárias e cotidianas – para muita gente, entre os quais meus familiares.

Espero que estudo seja útil para estudiosos dos temas da cidade. Mas se não servir para ninguém, serviu para mim. Serviu para nós.

Post scriptum

Não tenho dúvidas de que este artigo/ensaio é marcado por um tom lamurioso. Certamente, isso se deve às condições pessoais e sociais que cercaram sua produção.

De um lado, é triste para um amante do Rio de Janeiro ver o estado em que a cidade se encontra, inclusive os lugares que lhe deixaram marcas na memória. Essa sensação de perda certamente se acentua pela terrível crise da pandemia que estamos vivendo no momento em que estou escrevendo.

De outro lado, há os compromissos acadêmicos de um historiador, a responsabilidade ética de registrar aquilo que se interpretou, ainda que se saiba que todas as verdades são parciais e provisórias. Assim me pareceu que se deu, por isso assim registrei.

A despeito disso, estudamos história também por um compromisso político: registrar/interpretar para que não se esqueça e, assim sendo, possamos tentar construir um futuro distinto, ainda que isso não seja fácil, nem sempre possível, até mesmo provável.

Os rumos que tomou Sepetiba e o Rio de Janeiro não foram frutos de obra divina, mas sim de ações humanas. E se os seres humanos são capazes de destruir, também são de reconstruir. Nada vai voltar a ser o que um dia foi, mas devemos seguir lutando para que pelo menos não seja da forma que é. Isso sabe muito bem um monte de gente que segue peleando por dias melhores.

Eu vou seguir lutando para que tenhamos uma cidade mais justa, fraterna e inclusive. E vou seguir sonhando que um dia todos possamos ter uma qualidade de vida melhor. Vou seguir acalentando o desejo que meu filho João possa ao menos ter algumas oportunidades que tive, como as que narrei sobre minhas experiências em Sepetiba.

Registrar e interpretar o passado é uma forma de luta, é uma atitude política, é uma forma de expressar indignação, de gritar alto e em bom tom que não queremos o mundo do jeito que está. É no mínimo dar uma modesta contribuição para que as pessoas se vejam como protagonistas de sua história. Como o foram meus avós, meus pais, minha família.

Referências

ABREU, Maurício. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.

ARQUIVO NACIONAL. *Fazenda Nacional de Santa Cruz: inventário dos documentos textuais (códices)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2017.

BOOTH, Douglas. *The field: truth and fiction in Sport History*. London: Routledge, 2005.

CAYMMI, Stella. *Dorival Caymmi: o mar e o tempo*. São Paulo: Editora 34, 2001.

CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da. *Amado Jorge: um retrato de muitas faces*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018.

DIAS, Cleber Augusto. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DIAS, Cleber Augusto, MAIA, Tauan Nunes. Conhecendo o Rio de Janeiro a pé: “excursionismo”, “pedestrianismo” e “montanhismo” entre os séculos XIX e XX. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 523-534, 2013.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. *O rapto ideológico da categoria subúrbio*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

FRAGA, Annelise Caetano; SANTOS, Miriam de Oliveira. Madureira, Capital dos Subúrbios (1940-1960): carnaval e comércio na produção de uma comunidade imaginada. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p. 11-31, jan.-jun. 2015.

FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Garamond, 1999.

FRIDMAN, Fania; FERREIRA, Mário Sérgio Natal. *Os portos do Rio de Janeiro Colonial*. In: *Encuentro De Geógrafos De América Latina*, 6, 1997, Buenos Aires. *Actas de trabajos 6º Encuentro de Geógrafos de América Latina*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1997.

GERODETTI, João Emilio, CORNEJO, Carlos. *Lembranças de São Paulo: o litoral paulista nos cartões postais*. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p. 100.

IBGE. *Estado da Guanabara, Regiões Administrativas* (súmulas de dados estatísticos). Rio de Janeiro: IBGE, 1966.

LAMEGO, Adinalzir Pereira. *Viajantes estrangeiros na zona oeste carioca no século XIX: História, Biografias, Imigrantes, Meio Ambiente e Brasil*. Rio de Janeiro: Digitaliza, 2019.

MELO, Victor Andrade de. Antes do *club*: as primeiras experiências esportivas na capital do Império (1825-1851). *Projeto História*, São Paulo, v. 49, p. 197-236, abr. 2014.

MELO, Victor Andrade de. Entre a elite e o povo: o *sport* no Rio de Janeiro do século XIX (1851-1857). *Tempo*, Niterói, v. 21, n. 37, p. 208-229, 2017.

MELO, Victor Andrade de. *Duas capitais, uma experiência em comum: o iatismo na Baía de Guanabara (1906-1923)*. Rio de Janeiro: PPGHC, 2020a.

MELO, Victor Andrade de. Uma geografia do esporte: as experiências dos clubes de iatismo da Zona da Leopoldina (Rio de Janeiro, 1941-1954). *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, 2020b.

MELO, Victor Andrade de. *Para o bairro, para o subúrbio, para a nação: a experiência náutica do Olaria Atlético Clube (1915-1930)*. Rio de Janeiro: PPGHC, 2020c.

MELLO, Dunstana Farias de. *Pedra de Guaratiba: um lugar onde o futuro não aconteceu*. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: Unirio, 2015.

MENDONÇA, Leandro Climaco. *Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920*. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: UFF, 2011.

MIYASAKA, Cristiane Regina. *Os trabalhadores e a cidade: a experiência dos suburbanos cariocas (1890-1920)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2016.

O'DONNELL, Julia Galli. *Narrativas (sub)urbanas: representações dos subúrbios na imprensa carioca (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2012.

O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PACS. *Baía de Sepetiba: fronteira do desenvolvimentismo e os limites para a construção de alternativas*. Rio de Janeiro: PACS, 2015.

RIO DE JANEIRO. *Anuário Estatístico do Distrito Federal – ano XVII – 1951/55*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 1956.

ROSA, Alcebiades Francisco da. *História de Sepetiba*. Rio de Janeiro: s/ed, 1995.

SANTOS, Leonardo Soares. A história dos conflitos de terra no Sertão Carioca (1940-1964): Aspectos de uma memória camponesa da região. In: ANPUH/SP. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: Anpuh, 2011.

SANTOS, Leonardo Soares. *Um Sertão entre muitas certezas: a luta pela terra na zona rural da cidade do Rio de Janeiro (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Clube dos Autores, 2018.

SILVA, Cláudia Feijó da. *Do NOPH ao Ecomuseu de Santa Cruz: representações no jornal NOPH (1983-1990) e no jornal O Quarteirão (1993-2000)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2013.

SOUSA, Raquel Gomes de. *Cinemas no Rio de Janeiro: trajetória e recorte espacial*. Dissertação (Mestrado em Ciências). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

VAZ, Luiz Augusto da Rocha. *Zona Oeste do Rio. Ocasos e alvoreceres. Um estudo sobre Cultura, Memória e Cidade*. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa 2019.

VIANA, Sônia Bayão Rodrigues. A Fazenda de Santa Cruz e a crise do sistema colonial (1790-1815). *Revista de História*, São Paulo, v. 49, n. 99, p. 61-96, 1974.

WILD, Bianca de Moura. *O Ecomuseu de Sepetiba: construção e gestão da memória local. O despertar da comunidade?* Dissertação (Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes). Duque de Caxias: Unigranrio, 2018.